U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO EM ESTUDOS AFRICANOS

Poderes e estruturas sociais em Moçambique nos anos 60

Patricia Pereira da Silva Laranjeira

M

2020



Patricia Pereira da Silva Laranjeira

Poderes e estruturas sociais em Moçambique nos anos 60

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Africanos, orientada pela Professora Doutora Isabel Maria Galhano Rodrigues e pelo Professor Doutor Fernando José Pereira Florêncio

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

Patricia Pereira da Silva Laranjeira

Poderes e estruturas sociais em Moçambique nos anos 60

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Africanos, orientada pela Professora Doutora Isabel Maria Galhano Rodrigues e pelo Professor Doutor Fernando José Pereira Florêncio.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Sumário

Declaração de honra 6
Agradecimentos 7
Resumo 8
Abstract 9
Lista de abreviaturas e siglas 12
Introdução 13
1.Análise do Discurso 15
2.As Cartas ao Voz Africana 20
3.Moçambique nos anos 60: contextualização historica e sócio-cultural 24
4.Análise das cartas 47
4.1.1. Gênero e Finanças 49
4.1.2. Casamentos prematuros 53
4.1.3. Gênero e sexualidade 55
4.2. Categoria Étnico-Racial 61
4.2.1. Cartas sobre educação 63
4.2.2. Cartas sobre Mistos 67
5.Categoria relações coloniais (os intermediários) 68
6.Considerações 72
Bibliografia 73
7.73
Anexos 79
8.79

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho/tese/dissertação/relatório/... é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, Setembro, 2020

Patricia Pereira da Silva Laranjeira

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer ao país que me ensinou a voltar a sonhar, Kanimambo Moçambique! Nos poucos meses que vivi ali reaprendi que é possível sonhar com o desenvolvimento das nossas comunidades, a querer e lutar para que nosso lugar de origem possa ser um lugar de crescimento, de educação e cultura para os nossos.

Gostaria de agradecer aqueles que me suportaram física, emocional, psicológica e financeiramente, obrigada às minhas diferentes famílias que foram construídas pelos caminhos que trilhei. À minha família de Moçambique que não me abandonou; à minha família de imigrantes brasileiros em Portugal - àqueles com quem dividi lágrimas, suor, e risos soltos; à minha família brasileira, composta pelos muitos cantos do Brasil, por pessoas engajadas em construir um mundo melhor, gente que inspira na sua simples existência. À minha família de origem, que não me deixa esquecer quem eu sou, de onde eu vim e por qual lugar e pessoas eu sai atrás de soluções para a difícil escolha de viver o coletivo. Á minha família palestina que me ensinaram a fortalecer meu espirito diante dos horrores que presenciei ao passar por lá, obrigado por não desistirem da resistência e acreditarem que juntos podemos construir a mudança.

Àqueles que foram os mestres da condução, orientação e inspiração para o andamento deste trabalho, agradeço aos orientadores professora Isabel Galhano e professor Fernando Florêncio, assim como os professores que desde o inicio da minha trajetória educacional me fizeram acreditar na possibilidade de mudança social através da educação.

Resumo

Na década de 1960 Moçambique passava por inúmeras pressões, vivia um período de instabilidade política e um regime de transição entre o salazarismo português e o que viria a ser a sua independência. Este cenário aliado aos acontecimentos históricos, nomeadamente a modernização e a colonização, constituiram mudanças significativas no ordenamento social, acentuando, criando e alterando as dinâmicas de poder nos diferentes grupos sociais. Neste sentido, a partir das cartas enviadas ao jornal Voz Africana, este trabalho busca ser um contributo nos estudos da memória colonial em Moçambique principalmente na compreensão das dinâmicas de poder que permeiam as relações de gênero, colonialismo e relações étnico-raciais. Através da Análise de Discurso e diálogo entre ideologia, análise histórica e de sujeitos, neste curto trabalho nos propomos a identificar as dinâmicas e hierarquias de poder presentes nas relações socias em Moçambique.

Palavras-chave: Gênero, Moçambique, ideologia, colonialismo, étnico-racial.

Abstract

In the 1960s, Mozambique was undergoing countless pressures, experiencing a period of political instability and a transition regime between Portuguese Salazarism and what would become its independence. This scenario combined with historical events, namely modernization and colonization, constituted significant changes in the social order, accentuating, creating and altering the dynamics of power in different social groups. In this sense, from the letters sent to the newspaper Voz Africana, this work seeks to be a contribution to the studies of colonial memory in Mozambique, mainly in understanding the dynamics of power that permeate gender relations, colonialism and ethnic-racial relations. Through Discourse Analysis and dialogue between ideology, historical and subject analysis, in this short work we propose to identify the dynamics and hierarchies of power present in social relations in Mozambique.

Key-words: Gender, Mozambique, ideology, colonialism, ethnic-racial.

Índice de Quadros

QADRO 1 – ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE 1965 – CASAMENTOS SEGUNDO OS TIPOS SOMÁTICOS, O SEXO E AS IDADES DOS CÔNJUGES (EM ANOS)..... 38
QUADRO 2 - ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE 1960 – ESTABELECIMENTOS DE ENSINO EXISTENTES POR DISTRITO.....42

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP ..... FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

U.P ..... UNIVERSIDADE DO PORTO

U.PORTO ..... UNIVERSIDADE DO PORTO

FADIRI.....FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

UFGD.....UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

MS .....MATO GROSSO DO SUL

AD .....ANÁLISE DE DISCURSO

CVA .....CARTAS AO VOZ AFRICANA

PIDE.....POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO

UEM .....UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

NESAM .....NÚCLEO DE ESTUDANTES SECUNDÁRIOS AFRICANOS DE MOÇAMBIQUE

Introdução

Este trabalho[1] busca ser um contributo as pesquisas, debates e diálogos permanentes na área da preservação e análise da memória colonial em Moçambique. Trabalho pertinente frente a uma colonização e descolonização apelidada de "exemplar" ou "desastrosa" (Sanches, 1951, p. 10), ou tida como "branda". O principal objetivo do trabalho é analisar as relações de poder durante a década de 1960 em Moçambique, através principalmente das cartas dirigidas ao jornal Voz Africana, dentro das categorias de gênero, étnico racial e relações coloniais, a fim de compreender as lógicas de poder e suas estruturas no período.

Pretende-se contribuir no debate sobre a reconstrução histórica do colonialismo e sua ideologia em Moçambique na década de 1960 principalmente através da análise das estruturas sociais que se formaram/intensificaram, para isso serão utilizadas as cartas endereçadas ao jornal Voz Africana além de outros documentos.

A motivação para o tema surge de uma extensa pesquisa realizada desde a graduação relacionando conflitos de terra e populações nativas, iniciada com o projeto intitulado NPAJ/FADIRI/UFGD - Centro de Excelência em Direitos Humanos, projeto financiado pela pró reitoria de extensão e cultura, neste projeto realizado em 2013/2014. Nele foi possível o contato direto com as populações originárias do Mato Grosso do Sul no Brasil e perceber as lógicas de poder perpetuadas através do discurso naquela região e como elas atingiam diretamente o estilo de vida dessas populações, através de ideologias hierarquizantes entre brancos e indígenas. Desta pesquisa resultou o trabalho final de graduação que tratava especificamente da análise de discursos que criminalizam indígenas na mídia, com base em ideologias hierarquizantes, em grande medida resultantes do período colonial.

A escolha por Moçambique se trata de uma expansão da análise, e o interesse pelo país surge especificamente em 2015, quando dentro do projeto intitulado "Brasil-

[1] Este trabalho foi redigido em português (Brasil).

Moçambique: um olhar Sul-Sul sobre o agronegócio, desterritorialização e dessacralização entre as etnias Kaiowá (MS - Brasil) e Aianá e Macua (Norte - Moçambique)", foi realizada uma pesquisa de campo neste país a fim de investigar a reprodução deste modelo ideológico com as populações nativas de Moçambique através da presença de grandes empresas brasileiras. Este projeto foi a grande motivação para a realização do mestrado em Estudos Africanos na Universidade do Porto e na escolha de Moçambique como o foco da pesquisa. Vale ressaltar que tal pesquisa também foi realizada junto a ONG's, ativistas e populações locais também na Palestina, onde este modelo também é reproduzido em largas proporções.

A realização destas pesquisas nos aproximou da ideia de que existe um padrão nas relações coloniais e nas sequelas sociais principalmente no que diz respeito as hierarquias de poder que nestes casos se mantêm mesmo após o processo de "descolonização", neste sentido concordamos com Eduardo Mondlane (em Sanches, 2011, p. 333) ao afirmar "foi a dominação colonial que deu origem à comunidade territorial e criou as bases para uma coerência psicológica, fundada na experiência da discriminação, exploração, trabalho forçado e outros aspectos da dominação colonial. Apesar de Mondlane tratar aqui especificamente de Moçambique, acreditamos se tratar de uma estrutura comum nas relações estabelecidas pelo colonialismo.

Para o desenvolvimento do trabalho de análise das fontes primárias/*corpus* (na línguistica falamos de *corpora*) se escolheu utilizar como metodologia de pesquisa a abordagem da Análise de Discurso (AD) desenvolvida por Eni Orlandi (data) no Brasil´, que será brevemente descrita no capitulo um. Segue-se, no capítulo dois a apresentação dessas fontes, as "Cartas ao Voz Africana" (CVA).

Para a devida interpretação das CVA no que diz respeito aos tópicos principais do trabalho – gênero, questões étnico-raciais e relações coloniais – faz-se uma contextualização histórica e sociocultural, salientando os aspetos mais relevantes da época correspondente à data das cartas. Para isso, recorreu-se a diversos autores das áreas da Antropologia, Sociologia e História buscando-se priorizar autores de origem africana mas não só, os principais: Malyn Newitt (1997, 1987), Eduardo Mondlane (1995), Amílcar Cabral (1970), Fernando Florêncio (2005), Hipólito Sengulane (2015).

Posto isto, apresenta-se no capitulo três uma descrição do enquadramento histórico geral. Nos capítulos seguintes, exploram-se os tópicos anunciados. De forma a facilitar a leitura, decidi articular a fundamentação teórica dos tópicos relativos a cada um dos aspetos a tratar com a descrição dos dados obtidos através da análise das cartas, transcritas na sua íntegra nos anexos.



Mapa da divisão administrativa da província de Moçambique – 1963. (Direção provincial dos serviços de estatística, "Anuário Estatístico", edição 1963)

1. Análise do Discurso

A abordagem metodológica da Análise do Discurso seguida neste trabalho se baseia principalmente na matriz francesa desta área disciplinar que possui como autor fundamental o filósofo Michel Pêcheux, cuja obra mais famosa se intitula: “Análise Automática do discurso”. Nela o autor trabalha com a historicidade, interdiscusividade e sistematicidade da língua. O pensamento que sustenta esta perspetiva teórica é o de compreender a língua como sendo um elemento simbólico resultante de um trabalho social geral, um produto social, onde se mapeiam as experiências e a história de um grupo, sendo nesse contexto que ela faz sentido (Orlandi, 2012, p.15).

Em sua primeira obra Pêcheux em 1983 buscava principalmente apreender discursivamente os enunciados verbais e o conceito de ideologia. Nessa fase o autor analisava grandes textos políticos, a interpretação era feita relacionando os dados linguísticos com: a ideologia, os sujeitos e o histórico-social (Pêcheux, 1983, p.70). Já em um segundo momento (1976-1979) o autor relativiza a tese do sujeito estritamente assujeitado pela ideologia, concedendo ao sujeito algum controle sobre os enunciados verbais que emite. No terceiro momento da análise de discurso (1980-1983), o autor inclui a abordagem das falas ordinárias e as reflexões acerca da imagem enquanto operador de memória social (p.72), abriu também perspectivas como as redes de memória, os trajetos sociais dos sentidos, as materialidades discursivas, enfim, a articulação entre formulações discursivas, memória e história (Gregolin, 2007, p. 173).

Para a utilização da AD neste trabalho escolhemos o autor Eni Orlandi que aprofundou e difundiu a teoria no Brasil. Para Orlandi a Análise de Discurso “não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (Orlandi, 2012, p.16).

Na AD trata-se da descrição da estrutura, que deve atravessar necessariamente os debates sobre o signo visual, mesmo que esse debate conduza invariavelmente a língua como sistema supremo por meio do qual se pode descrever todos os outros sistemas (Mazzola, 2015, p. 77). Ou seja, a AD parte sempre da ideologia estruturante

de uma sociedade em suas análises, interligando, principalmente a partir da terceira fase, as imagens que constituem a ideia de “adequado” ou “não adequado”, “bonito” ou “feio”, “selvagem” ou “civilizado”, entre outras dicotomias, considerando sempre que a comunicação desta ideologia, e por isso tido como sistema supremo, é realizada através da língua.

Enquanto projeto teórico, com a AD é possível analisar todo o tipo de materialidade, pois as diversas naturezas significantes compõe o acontecimento histórico, ora para representa-lo, ora para altera-lo, ora para inscrevê-lo na memória. A partir desse princípio, o discurso analisado é composto por diversas materialidades que se apresentam sob a forma de um conjunto incontornável em sua totalidade: o arquivo. A língua, a imagem, a música, os gestos, todos esses elementos aglutinam-se sob a égide da regularidade de um acontecimento histórico, e são repetidos pela mídia (Mazzola, 2015, p. 83).

Desta forma ao utilizar a Análise de Discurso nas análises das cartas dirigidas ao Voz Africana há que se levar em consideração o momento histórico, especificamente o colonial, para que se possa perceber a ideologia do período, a lógica da estrutura, e como ela se traduz nos discursos, signos e símbolos presentes nas cartas.

O trabalho de Pêcheux apesar de focado no discurso político partidário, da indícios das características que posteriormente seriam utilizadas por outros autores: a voz, a entonação, os gestos, sua transmissão pelo rádio, pela televisão; todas elas são características do enunciado, produzindo efeitos de sentido. Para o autor o campo da análise de discurso é determinado pelo campo dos espaços discursivos não estabilizados logicamente, dependendo dos domininos fiosoficos, sócio-historico, politico ou estetico, e portanto também dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizado (Pêcheux, [1984] 1998, p. 54, grifo nosso) (Mazzola, 2015, p. 87).

Segundo Pêcheux (2009, p.147 grifo do autor), “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas

posições, isto é, em referências às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem" (Mazzola, 2015, p. 96).

Os seguintes elementos poderão ser considerados, com a condição de que se vinculem a essa mesma formação (idem):

i. Os enunciados verbais (orais ou escritos) gerados a partir desse discurso (tomando-se "discurso" como sendo, ao mesmo tempo, regra de formação e conjunto de todos os enunciados verbais que se vinculam a essa formação discursiva específica ("o discurso de esquerda no Brasil") que circulam nos programas políticos (escritos) e nas mídias (jornais, revistas, rádio, tevê, internet);
ii. Os enunciados imagéticos que circulam nos programas políticos e na mídia (jornais, revistas, tevê, internet);
iii. Materialidades mistas que enunciam junto a um discurso, como as charges políticas ou propagandas políticas presentes em jornais impressos, na tevê e na internet;
iv. Os gestos tomados como enunciado ou elemento de enunciado ora nas falas presenciais (comícios) ora nas falas registradas e reproduzidas (horários eleitorais gratuitos na tevê, debates políticos, comunicados oficiais etc.);
v. As entonações da fala tomadas como enunciado ou elemento de enunciado ora nas falas presenciais (comícios) ora nas falas registradas e reproduzidas (emissões de rádio, e novamente nos horários eleitorais gratuitos na tevê, debates políticos, comunicados oficiais etc.).

Apesar de tratar principalmente de discurso politico, Pecheaux deixou em seu trabalho o caminho para que mais tarde a AD fosse utilizada por diversas áreas do conhecimento como forma de analisar os discursos, não apenas em seu sentido literal, mas através das imagens, símbolos, sons, ideologias, entre outros. Uma dessas áreas do conhecimento foi o jornalismo que se através de discursos reproduzidos pela mídia com a Análise de Discurso é possível perceber a interdiscursividade presente.

No jornalismo, a partir da perspectiva da AD, assume que os produtos midiáticos são também atravessados pela ideologia através daquilo que se escolhe noticiar, as forma de transmissão, a historicidade, e claro as formações discursivas que formam.

Para Orlandi, o discurso é uma produção de sentidos dentro de um determinado contexto social, histórico e em certas condições de produção (Orlandi, 2008, p. 16), esse discurso é caracterizado como "a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado com finalidades específicas" (Orlandi, 2009, p. 197)

"Podemos então dizer que a forma como um discurso é produzido, proferido, recebido e interpretado está ligada a certo tipo de funcionamento discursivo. Ao propor a sistematização destes tipos, Orlandi utilizou os critérios de reversibilidade e polissemia. O critério de reversibilidade se refere à interação entre os interlocutores, isto é, quanto maior esta interação e a troca de papéis entre locutor e receptor, maior a reversibilidade. O critério de polissemia, por sua vez, baseia-se na multiplicidade de significados em torno do discurso atribuídos por seus interlocutores. Partindo desses critérios teremos, segundo Orlandi, três tipos de discursos: o lúdico, o polêmico e o autoritário. O discurso lúdico é aquele em que há total reversibilidade entre os interlocutores e a polissemia é aberta. O discurso polêmico é aquele em que há certas condições para a reversibilidade e a polissemia é controlada. Já o discurso autoritário é aquele em que praticamente não há reversibilidade, a polissemia é contida. (Orlandi, 2009)".

Como iremos ver, nas cartas analisadas neste trabalhado possuímos uma dupla interação de sujeitos, a primeira entre o remetente das cartas e o diretor do jornal, a quem está direcionada a maior parte das cartas e que representa tanto o Voz Africana como o público final, e a segunda entre o próprio jornal e as cartas escolhidas para serem publicadas e o público final, o leitor, para quem o jornal se direciona. Em ambas as interações se pode classificar o discurso presente como o lúdico por notar a total reversibilidade, tanto entre os remetentes e o jornal, através de cartas que diversas vezes são respostas a cartas anteriormente publicadas, cartas que dialogam e

questionam o diretor do jornal. Como também entre a escolha discursiva do jornal através das cartas escolhidas para serem publicadas e o público final, que diversas vezes podem ser os próprios remetentes das cartas. Em relação a polissemia vemos que a mesma é aberta também em ambas as situações.

Para o desenvolvimento da análise do trabalho escolhemos utilizar três níveis de análise: o histórico-social, ideológico e os sujeitos; nesses níveis analisamos as categorias e seus entrelaçamentos nas lógicas/ hierarquias de poder: o ausente, as relações de gênero e poder, relações de gênero e finanças, relações de gênero e sexualidade, relações étnico-raciais, relações étnico-raciais e a educação, categorias civilizados e selvagens e por último a categoria dos intermediários.

2. As Cartas ao Voz Africana

As cartas aqui apresentadas e que constituem as fontes primárias deste trabalho encontram-se no repositório reservado da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto[2]. Estas cartas foram entregues à FLUP pelo historiador José Capela, que, nos anos 60, foi o diretor do jornal Diário de Moçambique na cidade da Beira em Moçambique. Como o próprio explica, o Diário de Moçambique era quase que exclusivamente sustentado e direcionado para o público europeu. Nesse contexto de falta de representatividade nos meios de comunicação, surge o semanário direcionado principalmente para "algumas camadas subproletarizadas nos serviços públicos, nas poucas indústrias, nas plantações e a grande massa dos abandonados à sua sorte de manterem uma economia de subsistência nos quadros tribais em decomposição" (Capela, 2010, p.12). Foi pensada a possibilidade de o "Diário de Moçambique" se tornar um espaço que desse voz aos africanos: "[..] O atraso da escolarização junto dos i ndígenas, nomeadamente na zona de maior influência do

[2] As digitalizações que têm vindo a ser feitas das cartas originais (que se elevam a cerca de 800) foram gentilmente cedidas pela Biblioteca da FLUP para análise. Grande parte das cartas ainda não se encontra digitalizada e merece toda a atenção e estudo.

diário, os interesses altamente diferenciados de europeus para africanos, a viver, cada das raças, numa separação que atingia a todos os níveis, a censura prévia à imprensa eram alguns dos motivos que nos levavam a tal convicção" (Capela, 2010, p.11). Seguindo este pensamento, o diretor do Diário de Moçamique oferece as instalações do Diário de Moçambique para dar voz ao publico moçambicano em edições semanais do jornal "Voz Africana". Apesar do espaço de representatividade é necessário demarcar que o jornal era editado em Português e assim direcionado ao número de pessoas que podiam ler e escrever nesse idioma. Note-se que a grande maioria dos moçambicanos não o podiam ler, por não terem nem contato com a língua portuguesa, nem escolaridade[3].

2.1 A primeira edição

O Voz Africana foi editado pela primeira vez no dia 2 de junho de 1962. O jornal foi de enorme sucesso no país e suas edições eram compostas em grande maioria pelas cartas enviadas pelos próprios leitores. Os números eram publicações de duas páginas em formato *tabloid*, e as cartas recebidas e publicadas tratavam de temas diversos sobre a vida africana que segundo Capela retratam um tempo histórico preciso " [..] o da destribalização a operar-se num conflito de culturas, de civilizações, de raças, de interesses e de pessoas. É esse, quanto a mim, o aspecto mais comum ao conjunto de toda a documentação. São pessoas em conflitos permanentes e totais: com as estruturas e com os indivíduos" (Capela, 2010, p.12). O próprio Capela neste trecho reforça a ideia de que na época, especificamente na década de 1960, havia

[3] Segundo o catálogo Ethnologue falam-se 43 línguas em Moçambique, incluso o português e a língua de sinais (o Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas só reconhece 22). Isso demonstra o caráter plural do país, que possui em cada uma de suas províncias características bem distintas tanto linguisticamente como culturalmente. O idioma português nesse sentido, apesar de idioma oficial, nem sempre é o idioma que a população utiliza na vida cotidiana, sendo aprendida e absorvida como um segundo idioma por grande parte da população, o que dificulta a comunicação e interpretação de conteúdos em português, língua com que muitos moçambicanos ainda não têm contato, ou um contato muito restrito.

conflitos de culturas, de interesses e de pessoa. É este o contexto no qual este trabalho se desenvolve, no qual os conflitos de culturas, de interesses e de pessoas estabeleceram uma hierarquização social de acordo com as lógicas de poder que o contexto concedia a cada um dos indivíduos, ou grupos aqui analisados. Essa hierarquização nos detém o olhar ao analisarmos as cartas de autoria dos moçambicanos dirigidas ao jornal Voz Africana, como veremos adiante.

2.1 Documentação das cartas

Após a digitalização e leitura de cada carta, fez-se uma catalogação em uma planilha que as categorizava por: número da carta, data, autor, idade, local de nascimento e local de residência. A seguir a este processo cada carta foi classificada de acordo com seu conteúdo, em categorias escolhidas através dos temas que mais se repetiam ou do tema que prevalecia na carta, sendo elas: família, trabalho, governo, régulos, amizade, gênero, saúde, religião, cultura e educação. Depois de categorizadas, as cartas que estavam nas categorias régulo, educação e gênero foram revisitadas e selecionadas as que fariam parte deste trabalho, para posteriormente serem analisadas. Entre os principais temas que se apresentaram nas cartas estão educação, gênero e governo. As cartas possuem assuntos diversos do cotidiano da população local como reclamações, solicitações, histórias, pedidos, entre outros.

A fim de mantermos a fidelidade do conteúdo das cartas, as mesmas foram transcritas mantendo o conteúdo original, assim em muitas é possível se verificar a fragilidade do processo de escolarização realizado naquele período.

2.2 Escrevem os leitores

As cartas analisadas foram escritas para o quadro/a rubrica “Escrevem os leitores” do jornal Voz Africana. Durante as análises foi possível perceber um padrão estrutural nas cartas, as mesmas são em quase sua totalidade direcionadas ao diretor do jornal, sempre referido com os pronomes de tratamento “Senhor diretor” e “Vossa Excelência”, muitas possuem também elogios. Além disso, o apreço pelo jornal também foi diversas vezes expresso nas cartas através de elogios como “afamado”, “conceituado”, “inesquecível”, “glorioso”, entre outros. Existem alguns grupos de

cartas que estão escritas coma mesma grafia, assinadas por pessoas da mesma faixa etária e da mesma cidade, assim como escritas na mesma data. O que poderia então indicar que apenas um dos membros do grupo tivesse redigido todas as cartas.

2.3 Origem dos autores das cartas

A maior parte dos remetentes das cartas são residentes da região central do país, principalmente na cidade da Beira, Sofala e Manica, seguida da região norte nas cidades de Nampula, Nacala Velha e Nacala Porto e algumas na região sul, como vemos no mapa abaixo. Essas regiões na década de 1960 eram marcadas por diversas atividades industriais e agrícolas, onde o público alvo do jornal residia, especificamente os trabalhadores do campo, das minas e indústrias.



Mapa autoral – Local de residência dos remetentes das cartas dirigidas ao jornal Voz Africana.

Essa predominância da região norte de Moçambique também se verificou ao mapear o local de nascimento dos remetentes que em sua maioria são da região de Manica e Sofala e se estende em toda margem do rio Zambeze conforme podemos verificar no mapa logo abaixo. Além disso, também temos muitos remetentes nas cidades da Beira, Nampula e Quelimane.



Mapa autoral – Local de nascimento dos remetentes das cartas dirigidas ao jornal Voz Africana.

Os mapas nos permitem compreender os locais de onde os autores das cartas escrevem, pois Moçambique possui diferentes organizações sociais nas diferentes províncias e mesmo dentro dos distritos. Além disso, ao compararmos os mapas de nascimento e os mapas de residência podemos verificar um esparramo dos autores. Apesar de o mapa de nascimento demonstrar a predominância de autores em cidades com mais atividade urbana como Beira, Sofala, Quelimane e outras; o mapa de residência demonstra de modo geral uma tendência a migração.

3. Moçambique nos anos 60: contextualização historica e sócio-cultural

Para tratar especificamente a questão histórica de Moçambique escolhermos a obra História de Moçambique: volume 3 – Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961, Departamento de História da UEM, Maputo, 1993; por se tratar de uma obra organizada, editada e publicada em Moçambique com autores majoritariamente moçambicanos, porém devido seu caráter profundamente ideológico, também incluímos as obras dos autores Newitt (1997, 1987) Sengulane (2015), Florêncio

(2005), Machel (1993), Arnfred (2015), Loforte (2011), Granjo (2004), Sitoe (2017), Sanches (2012), Assis (2013), Meneses (2009), Cabral (1970), entre outros.

Para que seja possível compreender o contexto em que as cartas foram escritas pelos moçambicanos, escolhemos colocar um capítulo a parte para retratar brevemente o contexto histórico e sócio-cultural do período, para que seja possível compreender a ideologia específica deste momento histórico. Por se tratar de um período em que Portugal se encontrava sob um regime ditatorial, a pressão anti-colonial, no período, se intensificava em todo o continente africano, havia uma organização sócio-cultural pelo movimento de independência em Moçambique que crescia cada vez mais, enquanto as forças repressivas do governo se intensificavam.

Para facilitar a compreensão do tema dividimos a contextualização histórica em três partes para que seja possível compreender as lógicas de poder presentes na década de 1960 em Moçambique influenciavam as relações sociais através da ideologia e sua reprodução.

3.1 Relação Portugal & Moçambique

Moçambique ou República de Moçambique, como é oficialmente designado, fica ao sul do continente africano na região da África oriental, banhado pelo Oceano Índico faz fronteira com E-swatini, África do Sul, Tanzânia, Malawi, Zâmbia e Zimbabué, atualmente sua capital é Maputo, anteriormente designada como Lourenço Marques.

A chegada e motivação dos portugueses ao que se conhece hoje como Moçambique não encontra um consenso na historiografia, para Newitt (1997, p. 32) ela foi um subproduto direto da pobreza de Portugal, que com uma elevada densidade populacional e insuficiente área agricultável para a produção de alimentos tanto o sustento da população quanto a sua contribuição internacional estariam ameaçadas.

Enquanto que em UEM (1931, p. 29-30) a presença portuguesa em Moçambique ocorre em razão da expansão do capital europeu em consequência principalmente a segunda revolução industrial e a necessidade de novos mercados e

consequentemente, mais mão de obra. Assim o colonialismo em Moçambique seria a expansão da produção de Portugal, um passo adiante na Segunda Revolução Industrial que ocorria na Europa, e não fruto de sua pobreza como afirma Newitt.

A principio as relações com o país se davam na tentativa de detectar aliados e informações através de viagens por terra, motivados pelo ambicioso plano de D. João de "substituir os Venezianos no monopólio do comércio das especiarias do Oriente", segundo Newitt, provavelmente em 1490, Pêro da Covilhã visitou Sofala disfarçado de mercador mulçumano. Porém este plano nunca se concretizou, os portugueses não tiveram dinheiro suficiente para equipar as frotas e pagar os carregamentos de pimenta. Via mar, as tentativas se mostraram infrutíferas. Segundo Newitt, as viagens de Diogo Cão (1482 – 5) revelaram milhares de milhas de costa estéril. É apenas em 1497 que saíram de Lisboa os quatro navios de Vasco da Gama que, após contornar o Cabo da Boa Esperança, chegou a Moçambique (Newitt, 1997, p.33). Portugal então busca ingressar na rede de comércio entre países orientais, que na altura se mostrava muito lucrativo e que permitiria então aceder a diferentes fontes de metal, como a prata Persa e o ouro da África oriental. Para Newitt, "os portugueses estavam convencidos de que o volume do comércio do ouro de Sofala e Quíloa era superior ao real, e [tinham] a esperança de que cobrisse os pagamentos dos seus carregamentos de pimenta" (1997, p. 35). Neste sentido, as relações entre os dois países se baseavam em prospectos de investimentos que, segundo o autor, atendiam interesses destinados "puramente em produzir lucros especulativos num mercado de valores insconstante e mal informado" (Newitt, 1987, p. 241).

Esse período foi marcado por uma interação entre agentes e interesses diversos, que, por sua vez, impulsionaram as relações entre os dois países. Moçambique tal qual conhecemos hoje tem origem nos tratados Morier, na concessão de MacMahon, nos acordos de França e Alemanha e também nos tratados com a Inglaterra (Newitt, 1987, p. 244). Para isso contribuiu também "o facto de a disputa por África ter ocorrido numa época em que muitos dos ramos da indústria e das finanças europeias enfrentavam uma crise incontestável" (Newitt, 1987, p. 241), para o autor apesar de, de fato, a Europa neste período estar exportando em larga escala os

capitais europeus, para ele o continente não era um destino, e reduzir a relação dos dois países a uma simples expansão de mercado e procura de mão-de-obra é um tanto quanto limitado (Newitt, 1987, p. 243), o autor acredita que naquele período haviam interesses divergentes na África oriental, e que o avanço no colonialismo tem como força o próprio interesse de setores diversos do capital.

Neste sentido concordamos com Newitt (1997, p. 14), ao afirmar que: a considera (a história de Moçambique) como uma dialética entre forças de integração e desintegração, a primeira sendo um,

> "processo de criação de medidas politicas de envergadura em que a segurança é garantida por uma qualquer autoridade capaz de chegar a todo lado, em que a interdependência econômica cresce e em que se estabelecem padrões culturais conexos numa vasta área geográfica", <a integração segundo sua visão podem ser verificadas> "nas conquistas dos chefes charangas, Tsongas, maraves e angunes, nos efeitos do comércio internacional do ouro, marfim e escravos, na expansão do Islão e do Cristianismo, na influência de alguns dos cultos dos espíritos da terra e, claro, nas necessidades e estruturas institucionais do capitalismo internacional e do Estado colonial, quer na primeira forma do Estado da Índia, quer na sua forma final de Estado Novo".

Já a segunda (desintegração) se enquadram as forças que se opõe à primeira, aqui na perspectiva de Newitt se enquadram:

> "seca e fome, o banditismo e os senhores da guerra, as estratégias de sobrevivência e auto-suficiencia da pequena sociedade de aldeia e do clã, o baixo nível tecnológico e as forças que, dentro do Estado colonial, contribuíram para a desintegração: o monopólio dos capitães, o enfeudamento pelas famílias senhoriais afro-portuguesas, a exportação de mão-de-obra e o sistema de companhias concessionárias (Newitt, 1997, p. 14)".

Moçambique enquanto Estado ganhou vida em 1891 após um tratado de fronteiras Anglo-Português que definiu fronteiras entre os países: Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabue, E-Sawatini e África do Sul. Apesar disso desde o século XVI há registros da presença portuguesa no viria a ser Moçambique.

O Estado colonial português se instalou e interagiu de diferentes formas nas diferentes regiões do país e pelo pouco espaço que temos neste trabalho seria impossível descrever em pormenores como se deram essas relações nas diferentes

regiões, pouco a pouco o estado colonial foi tomando o lugar das estrtururas de micro-poderes, chefias, e mesmo agrupamentos políticos maiores, segundo Newitt,

> "em Moçambique, as estruturas foram sempre sistemas rudimentares destinados à recolha de tributos em espécie ou em mão-de-obra, masculina ou feminina. Os traficantes de escravos do litoral e os senhores da guerra do Zambezi foram substituídos pelo Estado colonial ou pelas suas concessionárias, que obrigaram ao pagamento de impostos e procederam ao recrutamento forçado de trabalhadores, homens e mulheres, usando bandos de sipaios que agiam de maneira muito semelhante aos bandos de chicunda, no século anterior (Newitt, 1987, p.249)"

Apesar de não haver um consenso sobre a instalação do Estado colonial em Moçambique sabemos que sua presença alterou significativamente a ordem social, em especial para a nossa análise a partir da década de 1950, com as pressões internas e externas a crescer em prol da independência, e com a instauração do Estado Novo, como veremos a frente.

3.2 Moçambique a partir dos anos 50

No fim dos anos 50 as atividades anti-coloniais em África ganhavam novo dinamismo, países como África no Sul, Rodésia e Niassalândia atingiam novas dimensões neste segmento. A divulgação do pan-africanismo e anti-colonialismo de Aimé Cesarie e de Nkrumah ganhavam cada vez mais força no continente (Sanches, 1993, p. 238) Em Moçambique é a partir dos anos 50 que as reclamações politicas democráticas se alargam para as principais cidades do país, mesmo que as organizações politicas partidárias tenham sido até então ilegais. O regime Salazarista em Portugal, que surgiu em 1962 após um golpe, instaurou uma tradição conservadora de discursos e medidas militares, o Professor António Salazar da Universidade de Coimbra tornou-se primeiro ministro em 1932 e ocupou o cargo até 1968 sem interrupções. Para Salazar e Caetano -outro professor próximo a Salazar- consideravam Moçambique, segundo Newitt, um símbolo de "tudo o que existia de errado no regime republicano – caos administrativo, falta de políticas financeiras e econômicas coerentes, inflação e uma moeda sem valor, domínio estrangeiro e franqueza e humilhação internacional" (Newitt, 1997, p. 390). Seu regime utilizava da censura no país e nas colônias a fim de evitar a oposição e manter o controle ditatorial, segundo Newitt nas bases do regime estavam os princípios católicos da autoridade e da família,

também a probidade financeira e moeda forte, o progresso econômico com recursos internos, a neutralidade firme e a independência nacional e também uma missão civilizadora em África firmada inclusive na nova constituição (Newitt, 1997, p. 391). Salazar acreditava sobretudo em uma missão civilizacional das populações nativas, em muito influenciado por valores cristãos e ocidentais de moral e comportamentos bem definidos. Seu regime controlava as colônias de perto a base de força através da polícia e seus interesses em África basicamente se apoiavam no trabalho forçado.

O regime estabelecido por Salazar reprimiu a interpelação politica o que impediu também o avanço de um movimento unido anti-colonial no interior do país (Sanches, 1993, p. 240). No entanto África do Sul e Swazilândia (atual E-Swatini) possuíam um pouco mais de condições para desenvolverem uma luta consequente em prol da independência de Moçambique mesmo com a crescente vigilância da polícia sul- africana e sua colaboração com a PIDE (Policia Política do Estado Novo em Portugal), desta forma nos finais dos anos 50 forma-se na África do Sul a Convenção do Povo de Moçambique. Os trabalhadores imigrados em contato com discursos progressistas, e de independência cada vez mais vislumbravam um futuro para Moçambique sem o controle de Portugal.

Salazar dirigia seu regime fascista a partir de, segundo Newitt “um estado-polícia que pouco mais era do que uma frente para as grandes corporações econômicas. Nele toda a liberdade era reprimida, a pobreza institucionalizada e o povo africano sistematicamente reduzido à mão-de-obra forçada e à servidão” (Newitt, 1997, p. 391). A PIDE era a polícia de segurança do estado, criada em 1956 e responsável por vigiar pessoas que representassem ameaças ao regime nas colônias, seu papel era o de isolar Moçambique das mudanças que ocorriam nos países próximos, controlar os nativos a nível educacional e causar desintegração e desorganização a fim de enfraquecer forças de oposição, basicamente exercia a função de polícia política e controlava as fronteiras e serviços de estrangeiros.

Ainda assim os inúmeros trabalhadores que migraram para a Niassilândia (território britânico na altura), tinham contato direto com as mudanças políticas e ideias internacionais sobre independência. Neste contexto foram surgindo diversas

outras organizações nos países próximos como, na Rodésia do Sul, a “Mozambique East African Association” e depois “The Portuguese East African Association”, formada principalmente por trabalhadores moçambicanos radicados; e em Tanganhica onde trabalhadores moçambicanos constituíram diversas organizações entre elas “Tanganyika-Mozambique Makonde Union” e a “Makonde and Makua Zanzibar Union” (Sanches, 1993, p. 241).

É também durante o ano de 1960 que dezessete colônias africanas se tornaram independentes; em Moçambique a intensa repressão colonial provocava grande número de refugiados que se deslocavam em maioria para Tanganhica (Sanches, 1993, p.243). É nesse período que se iniciam no país diversas greves da força de trabalho urbano, os trabalhadores que residiam no estrangeiro ao entrar em contato com as ideias que permeavam o pensamento moderno acabavam se envolvendo nos assuntos políticos do país, não tardou muito a aparecem agitações nas minas, ao exemplo da mina Copper Belt e do Rand, em que trabalhadores aderiram aos movimentos políticos ou às igrejas independentes. Também os intelectuais dentro e fora de Moçambique causavam agitação pró independência. Já há nesta década a atuação da Frelimo através de elementos clandestinos junto as greves. A repressão do governo colonial e o fracasso desses movimentos desanimaram as massas temporariamente e conforme afirma Cabral (1970) é o movimento cultural que se torna a principal extensão da resistência dentro do país, diversas músicas em idiomas locais eram cantadas de forma a não serem identificadas pelos colonos.

É importante destacar que a crescente tensão política afetava também a vida na capital Lourenço Marques, em especial a dos jovens instruídos, que no período sofriam duras repressões e perseguições pela PIDE,

> “comecei a pensar a sério sobre a possibilidade da independência de Moçambique... Foi então que, simultaneamente com essas ideias, começou a realizar-se a consciência de ser oprimido, desprovido e explorado. Nesta altura, as autoridades portuguesas incrementavam a repressão de todos os africanos alfabetizados e educados. Estimulou muito nossa curiosidade para saber por que queriam que não lêssemos jornais, ou escutássemos emissões estrangeiras. E depois veio 1961 em Angola...” (Samora Machel apud Sanches, 1993, p. 243).

Neste período a NESAM (Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique), fundada em 1948, volta a ser uma referencia para a juventude negra instruída, principalmente como plataforma para a discussão e comunicação sobre diversos temas, entre eles a educação discriminatória, o nacionalismo e a independência. Eduardo Mondlane um dos fundadores da Nesam residia em Lisboa a fim de estudos, foi lá que teve contato com os homens que vieram a liderar as frentes de libertação em Angola e em Cabo Verde. Eduardo teve papel primordial na criação do partido da FRELIMO, responsável pela independência de Moçambique. Considerado um notável intelectual negro, na altura era funcionário das Nações Unidas o que garantia diversas divergências dentro do partido, por vezes o acusavam de ser um infiltrado da CIA e que a Frelimo era influenciada pelos Estados Unidos. Tal acusação gerava discussões e divisões no partido que perduraram até o seu assassinato em 1969 (Newitt, 1997, p. 451).

A criação de instituições organizadas em prol da independência, como a própria FRELIMO, assim como as demais forças atuantes neste período; apoiadas e em alguma medida reforçadas pela insatisfação da população conduzem ao conflito armado, que na década de 1970 conduziria um milhão de portugueses a combaterem em África.

Além do papel primordial que o regime colonial e as forças que atuavam em diferentes medidas neste período histórico- o rígido controle do Estado, a independência de países vizinhos, o crescente acesso a informação seja por migrantes ou por intelectuais moçambicanos, a insatisfação da população-, temos de acrescentar nesse contexto a modernização econômica, assim como a cultura civilizacional instaurada em Moçambique, que em alguma medida neste período de transição também exerce sua influência nas alterações de dinâmicas de poderes e hierarquização social, principalmente no que se refere às mulheres.

3.3 **Moçambique e os papéis de gênero na década de 1960**

Ao pensar os papéis de gênero em Moçambique é importante marcar que existem diferentes configurações sociais no país. Sobre estas configurações, Signe Arnfred (2015) desenvolveu um trabalho de análise minuciosa durante o período de

quatro anos que viveu em Moçambique, onde trabalhou na Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Este trabalho será a base para compreendermos as diferenças de gênero em cada região.

Região Norte: Arnfred (2015, p.185) designa a região norte de Moçambique como uma região de socialização compartilhada e de autodeterminação feminina. Aqui, os rituais de iniciação feminina e masculinos são eventos comunitários até antes da guerra de libertação, que após a independência "a FRELIMO rotulou" (…) "como sendo atrasados e opressivos às mulheres" (Arnfred, 2015, p.185). Apesar dessa política adotada, Arnfred destaca que a população não concordava comas proibições impostas pelo partido, ao contrário, apoiavam e defendiam a prática dos rituais de iniciação "[..] a FRELIMO não quer que a pessoa faça o que bem entende com os seus filhos. [...] não tenho vontade arranjar casamentos para as minhas filhas, já que elas não passaram pelos ritos de iniciação" (AS entrevista, Província de Cabo Delgado em Arnfred, 2015, p. 186).

Nesta região, os rituais de iniciação eram celebrações comunitárias dirigidas por mulheres e direcionadas para meninas com idades entre oito e dez anos de idade. Neles elas tinham aulas sobre como manipular os pequenos lábios da vagina para deixa-los longos, essa preparação marcava a transformação da menina em mulher, prática que, segundo a autora, ocorria em todo o país (Arnfred, 2015, p.186). Em entrevista a autora consegue em detalhes a descrição do rito na província de Gaza,

> "Grupos de meninas iam para o mato fechado às 3 horas de madrugada, cada uma com uma capulana para cobrir no momento de trabalho, sentavam-se como quem vai dar à luz a uma criança. No primeiro dia eram orientadas pelas madrinhas (mulheres mais velhas encarregadas dos ritos) como fazer, e cada qual continuavam por conta própria, usando determinada pomada para facilitar o processo. No decorrer deste trabalho as madrinhas fiscalizavam cada uma das jovens para verificar se estavam puxando satisfatoriamente, e notando que algumas haviam trabalhado pouco. Era altamente proibido que um homem aparecesse no lugar onde as meninas iam para esticar seus lábios vaginais. Caso um homem passasse por ali, ele era expulso por uma chuva de punhados de areia, e o local da iniciação era alterado logo em seguida" (OMM entrevista, Província de Gaza – em Arnfred, 2015, p. 187).

Os rituais de iniciação nesse sentido desempenhavam tanto a função de definir papéis sociais, marcando a transição para a vida adulta, também como espaço de socialização de mulheres. Para a autora "se as jovens em iniciação aprendem

obediência aos homens, elas também aprendem como se encarregar da própria sexualidade" (Arnfred, 2015, p. 188).

Nesta região a transmissão de terras é de herança matrilinear e os casamentos matrilocais, que na prática significam que o casal se estabelece no território da família da mulher, cercado por seus parentes. Neste sentindo os divórcios são simples, já que o casamento também não é uma celebração solene, e é o homem quem se muda enquanto a mulher permanece na casa com as crianças. No cenário matrilinear o homem, por ser quem "entra na família" é o testado, não há lobolo[4] envolvido, e a figura de chefe da família é desempenhada pelos tios (irmãos da mãe) (Arnfred, 2015. p. 194-95).

Região Central: já na região central de Moçambique ocorre uma preparação individualizada no sentido de agradar ao esposo, conforme afirma Arnfred, nesta região as relações de parentesco são patrilineares, e os ritos, como são chamados no centro, são de caráter privado e individual de preparo da menina para o casamento,

> "o que eu conheço e que eu vi aqui na Beira, a preparação começa com 10 anos de idade. Quando a mãe vê que a menina atinge esta idade, manda-lhe acordar as 5 horas de madrugada para ir a casa de banho se preparar, [...] e puxar os pequenos lábios" (OMM relatório, cidade de Beira, em Arnfred, 2015, p. 191).

Nesta região além dos alongamentos dos lábios, também são ensinados movimentos sexuais para satisfazer ao homem, ao contrário da região norte, no centro do país os rituais de iniciação tem um caráter mais privado e focado no prazer sexual masculino, sendo que segundo a autora, "Aqui as forças motrizes sob as 'preparações' parecem ser certo medo de que os homens não se agradem e a menina permaneça sem casar-se" (Arnfred, 2015, p.191). Neste sentido é na região central que aparece o primeiro indício de ambiguidade em relação à aprovação popular dos rituais, Arnfred explica:

> "Segundo os homens, os movimentos das raparigas do interior são melhores do que os das meninas da cidade. Noutro lado agora alguns homens nas cidades não

[4] Cerimonia matrimonial que incide na troca de produtos ou valores monetários em troca da noiva. Ficou conhecido por *bride wealth* ou "preço da noiva" e é consensualmente interpretado pela literatura desde o século passado como sendo uma relação global entre grupos familiares, em que um deles se mobiliza para compensar o outro pela perda, também ela coletiva, de um dos seus membros, dos seus filhos e da descendência destes (v. Gluckman, 1982 [1950] em Granjo, 2004, p.8)

> querem mulheres preparadas. Há homens que exigem às mulheres o uso de camisas de dormir e pijama, a que elas não se habituaram. Isto provoca uma certa angústia e ansiedade nas mulheres, que vêm os seus maridos procurarem mulheres mais novas e não iniciadas (relatório, Cidade de Beira, em Arnfred, 2015, p.192).

Nesta região não há um consenso claro sobre os rituais de iniciação continuarem a ser perpetuados ou não, além disso, se percebe cada vez mais o abandono dos rituais tradicionais para práticas mais ocidentalizadas, que conduzem ainda assim ao controle dos comportamentos femininos e por vezes a sua solidão por ser ou não iniciada, e isso ser ou não do agrado do esposo.

Região Sul: segundo a autora além de não existir qualquer ritual de iniciação, apenas se ouvem histórias distantes sobre como eram as práticas, nesta região estes rituais representam um problema para as mulheres, "antigamente quem não possuísse os lábios vaginais alongados era expulsa pelo seu marido, e agora quem continua a ter é rejeitada pelos homens" (OMM relatório, província de Gaza, em Arnfred, 2015, p.194).

Nas regiões centro e sul onde as relações são patrilineares o casamento tem um sentindo mais vinculante para a mulher, os divórcios são mais difíceis e o lobolo é uma pratica comum. No sul a mulher se estabelece na família do esposo após o casamento e passa a viver na casa dos sogros, desempenhando os papéis domésticos até a maternidade, as vezes depois disso,

> "existem muitas histórias sobre as provocações na casa da sogra, especialmente nos casos frequentes no sul, em que o marido foi embora para a África do Sul como um trabalhador migrante, permanecendo por anos no estrangeiro. A sua jovem esposa está então presa com os parentes do marido, incapaz de partir por causa do lobolo." (Arnfred, 2015, p.196).

Nos casos de divórcios a família da mulher precisa devolver o valor do lobolo, em muitos casos já utilizado, caso seja o esposo a querer o divórcio ele apenas envia a esposa de volta a casa dos pais e fica na casa com as crianças e com os pertences do casal (Arnfred, 2015, p. 196).

Em relação a sexualidade da mulher nas sociedades patrilineares a virgindade é uma questão importante e testada nas núpcias através da vigilância das mulheres mais velhas. Nos casos de atestado que a menina não era virgem, isso é um motivo de

vergonha para a família; nos casos onde o casamento não gere crianças, a culpa também recai sobre a mulher e é suficiente para a solicitação de divorcio ou de uma segunda esposa da mesma família sem lobolo adicional (Arnfred, 2015, p. 196).

Segundo Arnfred, muitas mulheres atualmente em Moçambique se posicionam contra o lobolo, pois o consideram a razão para a situação precária de mulheres casadas devido a dependência gerada da mulher para com o esposo e a sua família. Se antes o cenário de pena era para com a mulher pela qual nenhum lobolo havida sido pago, agora a situação é inversa.

Loforte (2011, p. 14) destaca que, na década de 1960 e nos anos seguintes, apesar dos cenários coloniais de tensão e conflito e depois durante os anos de guerra, os papéis de gênero não se alteraram e o papel das mulheres continuava na condição materna e na domesticidade, o que era essencial para a sobrevivência e reprodução social das famílias. Seus papéis ainda incluíam provisão de cuidados de saúde, na produção de alimentos e desenvolvimento de atividades no setor informal, além de atividades na terra.

Apesar de por muito tempo as mulheres terem sido consideradas vítimas passivas da guerra, concepção que conduziu as mesmas a cenários de marginalização, de tal forma que os seus papéis de tomadas de decisões, reconstrução e outros foram completamente ignorados, as mulheres de Moçambique “desempenharam um papel significativo no último conflito armado, assumindo lugares de destaque nos processos de reintegração social e desenvolvimento econômico e social no pós guerra” (Loforte, 2011, p. 14) .

Anteriormente à chegada das grandes empresas em Moçambique, o Lobolo era uma prática realizada no seio familiar e dirigida pelo chefe da linhagem, principalmente a fim de aproximar relações entre famílias ou a fim de obtenção de valores econômicos, segundo Loforte (2000, p. 38), por serem produtoras inseridas na divisão de trabalho e produtoras de novos produtores, as mulheres estão no centro das estratégias protagonizadas pelos membros masculinos mais velhos, que visam realizar “um bom casamento”, isto é, maximizar os benefícios econômicos e simbólicos associados a instauração de uma nova relação”. Desta forma o casamento tinha um

papel de beneficio econômico na vida das famílias de meninas e mulheres em Moçambique, esse fator de associação tinha relação direta com os casamentos prematuros e mesmo com a relação entre os casamentos e a dependência financeira das mulheres que ao buscarem sua independência por vezes escolhiam "estar por conta".

O papel social ligado a produção alimentar é tradicionalmente associado as mulheres, assim como os casamentos; enquanto aos homens era destinado a educação formal. Reflexo desses papéis sociais podemos notar na redação das cartas, em que na sua totalidade são redigidas por homens. Neste sentido, concordamos com Loforte (2000, p. 39) ao afirmar que,

> "esta [a tradição] desempenha, ainda, uma função importante na concretização da união matrimonial, o lobolo. Associando os dois aliados, esta prática movimenta uma dupla circulação em sentidos inversos e em esferas distintas, assegurando-se a reprodução do sistema matrimonial, expresso num movimento de troca de mulheres por bens, valores monetários e simbólicos",

Compreendendo assim que enquanto as mulheres estavam destinadas ao matrimônio, aos homens eram reservados empregos intermediários e a escolarização, por isso a prática do Lobolo não representava ~~apenas~~ uma opressão, mas sim a oportunidade de ascensão social, acordos entre grupos e beneficio econômico.

Com cada vez mais homens se deslocando para trabalhar e receber salários, o lobolo como prática cultural também sofreu alterações, sendo então pago, integral ou parcialmente, em dinheiro. A inserção do dinheiro na prática alterou também a hierarquia de parentesco nas famílias, pois as estruturas de parentesco já não existiam e a autoridade agora se encontrava na figura masculina da família nuclear, conforme afirma Arnfred (2015, p. 20)

> "o dinheiro que ele ganhou o permitia pular a hierarquia de parentesco e talvez casar-se antes de seu irmão mais velho ou tomar para si uma segunda esposa", essa alteração ampliava o poder da figura masculina e que ao longo do tempo alterou as estruturas sociais da comunidade, se anteriormente homens e mulheres viviam em diferentes esferas das redes da família estendida, agora as relações de gênero se tornavam individualizadas (Arnfred, 2015, p.200).

Para Granjo (2004, p.8) o fato de agora o Lobolo ser pago em dinheiro tem relação direta com a migração para as minas na África do Sul, sendo então na altura

um meio eficaz de adquirir o valor monetário suficiente para o casamento. Neste contexto ocorre uma alteração da ordem social, pois para além de uma cerimônia cultural o lobolo marcava posições e hierarquias sociais que se antes eram marcadas pela tradição, agora estavam ligadas também a condição econômica dos indivíduos, se antes a obtenção de meios para a cerimonia passava pelos homens mais velhos da família, por vezes excluído o próprio noivo, agora essa função cabia, as vezes exclusivamente, ao noivo, neste sentido Granjo (2004, p. 9) afirma,

> "apesar de a cerimonia continuar a enfatizar (devido aqueles que nela tomam parte) o caráter coletivo da aliança estabelecida, esta é passível de ser apropriada como um contrato pessoal entre um individuo e um grupo, com importantes consequências ao nível simbólico e das relações familiares de poder, dependência e obrigação" (Granjo, 2004, p. 9).

A própria característica do acirramento do capitalismo e modernização econômica era incompatível com o modelo anteriormente utilizado e ao longo do tempo esse processo levava a uma individualização dos agentes, "a economia monetária e a individualização podem trazer liberdade da sujeição a família estendida e a autoridade da linhagem, tanto para homens quanto para mulheres. Mas, mais frequentemente, os homens estão em uma posição muito melhor para tirar vantagem dessa liberdade do que as mulheres" (Arnfred, 2015, p. 20), apesar de um certo nível de liberdade na sujeição à tradição que o capitalismo proporcionou, para as mulheres o cenário se alterou muito pouco.

Segundo Arnfred essa inserção do dinheiro nas relações matrimoniais, especialmente na celebração do casamento possui uma agravante caso a família se mova para a cidade, pois, "a dependência social do marido agora se acrescentava uma dependência econômica" (2015, p. 20). É importante salientar que o Lobolo não pressupõe dependência, submissão ou subjugação da mulher, sendo este uma prática cultural que serve para determinar papéis sociais, marcos sociais de passagem, celebrações na comunidade, entre outras coisas, e não necessariamente tem associação direta com os primeiros. Sendo considerado consensualmente na literatura atual como sendo uma relação global entre grupos familiares, em que um deles se mobiliza para compensar o outro pela perda, também ela coletiva, de um dos seus

membros, dos seus filhos e da descendência destes (v. Gluckman, 1982 [1950] em Granjo, 2004, p.8).

Este entrelaçamento entre a dependência financeira da mulher no casamento, ao mesmo tempo que representa a possibilidade de melhoria nas condições de vida das mulheres, se torna uma armadilha pois, segundo Sitoe,

> "os pais [apesar de] instigarem as filhas menores a abandonar a escola para se casarem na expectativa de diminuir a pobreza, [...] na maioria dos casos, estes casamentos apenas agravam os índices de pobreza e da marginalização da rapariga, pois cedo ela é abandonada pelo marido, que emigra para as cidades, sem deixar rastro." (Sitoe, 2017, disponível em http://www.civilinfo.org.mz/casamentos-prematuros-em-mocuba-causa-e-consequencia-da-probeza).

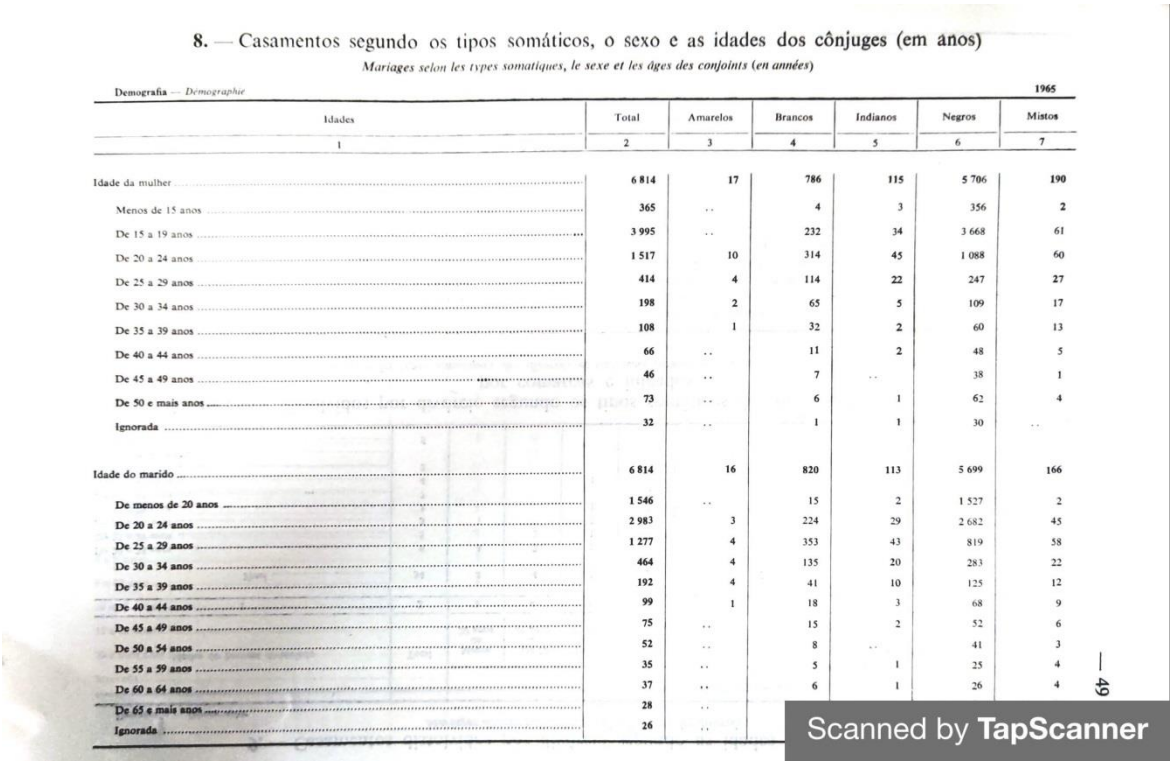
A questão financeira neste caso é duas vezes a figura de subjugação das mulheres, tanto a esperança de reduzir os níveis de pobreza através do matrimonio que levam a dependência econômica, como a saída em busca de melhores oportunidades nos centros urbanos e consequentemente abandonando as mulheres, muitas delas mães adolescentes.

Outro problema em relação a questão de gênero naquela altura e que aparecem diversas nas análises das cartas e ainda hoje são pauta das discussões dos problemas atuais em Moçambique são os casamentos prematuros, denominado pela UNICEF e o Fundo das Nações Unidas para a População [UNFPA] como a união de duas pessoas quando as duas pessoas envolvidas ou uma das pessoas for menor de 18 anos (UNICEF & UNFPA, 2016). A ocorrência dos casamentos prematuros são várias se destacando: a pobreza, a fraca difusão da legislação e das políticas públicas e os fatores socioculturais, especialmente os ritos de iniciação e a orfandade.

De acordo com Sitoe (2017, p.1), são muitas as meninas casadas precocemente na área rural entregues pelos próprios pais a homens com idade avançada por uma determinada quantia monetária, o que configura crime, ainda que desconheçam.. Essas meninas tornam-se mães na idade de 14 a 16 anos. Depois disso, infelizmente, muitas são abandonadas pelos seus esposos, que emigram para áreas urbanas em busca de trabalho, sem deixar rastros. Assim para a autora os casamentos prematuros em Moçambique podem ser a principal causa e a consequência do abandono escolar,

além da perpetuação da pobreza entre mulheres e meninas. A fala de Sitoe (2017, p. 1) remete ao fato de que os pais ou encarregados de educação, ao aceitarem o casamento precoce, ficam na expectativa de lograr diminuir o efetivo em casa e amortizar os encargos da família. No entanto, muitas vezes, isso não é o que acontece. Ao invés de reduzir, as despesas aumentam, uma vez que tais casamentos geralmente culminam com gravidezes precoces e o "co-autor da gravidez se furta às suas responsabilidades, [...] sentindo-se preso na armadilha da pobreza, abandona a mãe adolescente com o filho menor, demandando os centros urbanos, onde espera, em vão, encontrar meios de subsistência" (Sitoe, 2017, p. 1). Assim, a grande expectativa de sair da pobreza concretiza-se em outra realidade, uma situação pior, posto que os pais não aceitam as filhas de volta, e elas têm que se sujeitar, muitas vezes, a um novo casamento, em busca de sustento, as vezes são exploradas sexualmente, em troca de alimentação e abrigo.

No ano de 1965 foram registrados conforme a tabela abaixo extraída do anuário estatístico de Moçambique 6.814 casamentos, sendo que dos 365 casamentos realizados com meninas menores de quinze anos, 356 deles são de meninas negras, o número cresce ao olharmos para os casamentos realizados com meninas com idades entre quinze e dezenove anos para 3.668. O número entre meninos menores de vinte anos também é surpreendente, pois das 1546 uniões celebradas, 1527 delas são de meninos negros.



8. — Casamentos segundo os tipos somáticos, o sexo e as idades dos cônjuges (em anos)

Mariages selon les types somatiques, le sexe et les âges des conjoints (en années)

Demografia — *Demographie* 1965

Idades	Total	Amarelos	Brancos	Indianos	Negros	Mistos
1	2	3	4	5	6	7
Idade da mulher	6 814	17	786	115	5 706	190
Menos de 15 anos	365	..	4	3	356	2
De 15 a 19 anos	3 995	..	232	34	3 668	61
De 20 a 24 anos	1 517	10	314	45	1 088	60
De 25 a 29 anos	414	4	114	22	247	27
De 30 a 34 anos	198	2	65	5	109	17
De 35 a 39 anos	108	1	32	2	60	13
De 40 a 44 anos	66	..	11	2	48	5
De 45 a 49 anos	46	..	7	..	38	1
De 50 e mais anos	73	..	6	1	62	4
Ignorada	32	..	1	1	30	..
Idade do marido	6 814	16	820	113	5 699	166
De menos de 20 anos	1 546	..	15	2	1 527	2
De 20 a 24 anos	2 983	3	224	29	2 682	45
De 25 a 29 anos	1 277	4	353	43	819	58
De 30 a 34 anos	464	4	135	20	283	22
De 35 a 39 anos	192	4	41	10	125	12
De 40 a 44 anos	99	1	18	3	68	9
De 45 a 49 anos	75	..	15	2	52	6
De 50 a 54 anos	52	..	8	..	41	3
De 55 a 59 anos	35	..	5	1	25	4
De 60 a 64 anos	37	..	6	1	26	4
De 65 e mais anos	28	..				
Ignorada	26	..				

— 49

Scanned by TapScanner

Anuário estatístico de 1965 – Casamentos segundo os tipos somáticos, o sexo e as idades dos cônjuges (em anos), p. 49.

3.4 **Categoria étnico-racial**

A categoria étnico-racial foi escolhida, pois se acredita que não há maneira de analisar as relações de poder no período em questão sem levar em consideração as relações pautadas na cor da pele dos indivíduos e para isso a utilização apenas do termo étnico é insuficiente. Apesar de inexistente para a genética, o termo "raça" continua a ser utilizado pela sociologia e ciências sociais em geral para explicar as relações que acontecem entre indivíduos que antes de serem lidos como tal, são lidos por uma condição natural que antecede as próprias escolhas/condições (como sexualidade, gênero, condição econômica, entre outros), ser negro no período analisado em questão, pressupunha além da possibilidade de ser um individuo escravizado, a de ser considerado mentalmente inferior, cognitivamente incapaz, fisicamente animalesco, tido como uma mercadoria passível de compra/venda. Neste sentido concordamos com Sanches ao afirmar que,

"O pós colonial, se bem que questionando dicotomias entre [nós] e [eles], propondo vias intermediárias e celebrando, por vezes apressadamente, todos os processos de hibridização, não invalida a persistência de visões hierarquizadoras da [diferença] exótica ou ameaçadora, visões essas herdadas de longos séculos de dominação colonial, mesmo quando agora se prefere falar em [cultura] para evitar [raça]." (Gilroy 1987, Taguieff 1990, Stolcke 1995 apud Sanches 2012, p. 12).

Desta forma, analisar a categoria étnico-racial e suas relações presentes nas cartas significa também o esforço de perceber como, na população local, a relação entre pessoas brancas e negras afetavam as relações de poder, que pelo contexto estruturante do período pressupõe uma hierarquização dos indivíduos a partir da sua cor da pele e origem étnica.

A partir da década de 1890 segundo Newwitt (1997, p. 384) entraram em vigor diversos regulamentos laborais e fiscais que estabeleceram uma distinção entre indígena e não-indígena, sendo que este último era por vezes referidos por civilizado. Nesta categoria estavam inclusos todos os portugueses nascidos na Europa e os estrangeiros de pele branca. Entre os não-indígenas estavam incluídos europeus, asiáticos, indianos britânicos, indianos portugueses e mistos. Entre os indígenas, é claro, estavam os moçambicanos negros e populações africanas em geral. Aos não indígenas estavam destinados vagas de emprego melhores, moradias nos perímetros urbanos, entre outros privilégios. Segundo Newitt, "nas cidades, os afro-portugueses possuíam propriedades, eram sócios em empresas comerciais e tinham uma posição influente nos assuntos locais, desempenhando cargos na administração e forças armadas ou tendo assento nos conselhos locais (Newitt, 1997, p.385)".

Durante o período que ficou conhecido como Período do Indigenato (1926-1961) foram criados diversos documentos pelo estado colonial português a fim de distinguir a sociedade colonial da sociedade indígena, entre eles: Estatuto político, civil e criminal dos indígenas da Guiné, Angola e Moçambique (1929), Regulamento dos tribunais privativos dos indígenas (1929), Acto colonial (1930), Carta orgânica do império colonial português e a Lei da reforma administrativa ultramarina (RAU) (1933), Estatuto dos indígenas portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique (1954).

Especificamente o estatuto político, civil e criminal dos indígenas segundo Assis, pretendia uma mudança na criação de leis que reforçassem a obrigatoriedade do trabalho dos povos colonizados. Este estatuto aprofunda a separação entre a população nativa e os não-indígenas e "acarreta uma dupla subordinação, política e jurídica" dos primeiros. (Assis, 2013, p.86)

O estatuto dividia a população em três grupos: brancos, assimilados e indígenas, sendo que o conceito de indígenas segundo o artigo 2º do Estatuto:

> "Para efeitos do presente Estatuto, são considerados indígenas os indivíduos da raça negra ou dela descendente que, pela sua ilustração e costumes, se não distingam do comum daquela raça; e não indígenas os indivíduos de qualquer raça que não estejam nestas condições" (Estatuto político, civil e criminal dos indígenas da Guiné, Angola e Moçambique, 1929).

A população africana que quisesse obter o estatuto de *não-indígena,* em uma tentativa de assimilação forçada, deveria provar certo nível de educação, apesar deste processo ter sido dificultado, principalmente durante o Estado Novo em Portugal.

> "Em 1917, o governo estabeleceu, pela primeira vez, processos claros de definir o estatuto. Nos termos da Portaria nº 317, de 9 de janeiro, uma pessoa podia requerer a isenção de contrato de trabalho e chibalo, e seria emitido um chamado alvará de assimilação, que confirmava o seu estatuto de assimilado ou não indígena. Quando foi introduzida a Lei Orgânica, a classe não indígena possuía bilhetes de identidade. (Newitt, 1997, p.385)".

É essa hierarquização social que estabelecia a ideologia do sistema colonial que foi aprofundado durante o regime do Estado Novo, subalternizando tudo quanto fosse aspecto relacionado a população nativa, sendo o "civilizado" e "moderno" associado a valores ocidentais e europeus; e "selvagem", "indígena", entre outros, associados a africanos, principalmente àqueles retintos. Essa ideologia está muito presente nos discursos das cartas e fica evidente o caráter hierarquizador quando compreendemos a ideologia do período.

> "Ao nível social, o enquadramento dos indivíduos estava normatizado, criando categorias centrais e maginais; primárias e secundárias: os brancos sobrepostos aos negros. A inferiorização destes últimos, traduzia-se no uso de termos depreciativos como gentio, cafre, indígena, preto, selvagem, opostos a designações de civilizado e nobre atribuídos aos habitantes brancos, embora fosse do domínio que muitos deles eram oriundos de escalões sociais inferiores, iletrados ou mesmo do sub-mundo, condenados a espiar pena de degredo em Moçambique. (apud. Pedro, 2004, idem)

Desta forma na estrutura colonial caso um africano quisesse obter o bilhete que o identificava como não-indígena, a fim de ascensão social, para ocupar melhores cargos e se enquadrar no sistema do período, deveria comprovar conhecimentos da cultura do governo colonial, nas palavras de Assis:

> "[..] teriam de demonstrar um conjunto de requisitos: saber ler e escrever, vestirem-se e professarem a mesma religião que os portugueses e materem padrões de vida e costumes semelhantes aos europeus. Mas, apesar de haver a possibilidade de comprovar a condição de "assimilado", isto dependia da vontade do Tribunal Privativo dos Indígenas, ou seja, continuava nas mão do administrador"(Assis, 2013, p.86).

Assim aqueles que se interessavam por esta identificação além de não o conseguir, ou fazê-lo com muita dificuldade, ao conseguir o estatuto de assimilados ainda enfrentavam outros tipos de dificuldades, como afirma Newitt:

> "Os portugueses brancos ocupavam muitas vezes cargos baixos na estrutura colonial - por exemplo, como fiéis de armazéns, escriturários ou mecânicos - que limitavam as oportunidades não só de os Africanos, mas também de a classe dos mestiços entrarem no sistema. Com efeito, vê-se que ao longo do século as classes dos Afro-Portugueses e dos assimilados registraram um declinio na posição e foram obrigadas a desempenhar funções ainda mais subalternas no estado colonial (Newitt, 1997, p.385)".

A alfabetização por si só também representava desafiadora, no período havia poucas escolas disponíveis em centros urbanos específicos e os poucos africanos que se alfabetizavam tinham de enfrentar a repressão pelo regime colonial, como afirma Samora Machel no trecho em (Sanches, 1993, p. 243): "nessa altura, as autoridades portuguesas incrementavam a repressão de todos os africanos alfabetizados e educados. Estimulou muito a nossa curiosidade para saber porque queriam que não lêssemos jornais, ou escutássemos emissões estrangeiras." No quadro abaixo temos a distribuição das instituições de ensino por distritos no ano de 1960, desenvolvido pela Direção dos Serviços de Economia e Estatística Geral. Neste quadro podemos ver que, apesar das 3.392 instituições de ensino no país, apenas 151 delas representam o total de instituições de ensino primário oficiais. Em contrapartida temos mais de 3.000 instituições de ensino primário categorizadas como "missionário católico português".

2. — Estabelecimentos de ensino existentes, por distritos

Établissements d'enseignement existants, par districts

Vida Cultural — *Vie Culturelle* 1960

Graus e espécies de ensino	Total	Distritos								
		Lourenço Marques	Gaza	Inhambane	Manica e Sofala	Tete	Zambezia	Moçambique	Cabo Delgado	Niassa
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
TOTAL	3 392	221	319	297	407	183	520	838	395	212
Ensino primário comum	343	65	39	27	68	21	41	52	18	12
Oficial	147	25	18	8	27	10	20	29	7	3
Missionário católico português	171	25	21	19	35	11	19	22	11	8
Missionário estrangeiro	3	1	..	..	..	..	1	..	..	1
Particular	22	14	..	..	6	..	1	1	..	..
Ensino primário de adaptação	2 954	138	276	267	324	154	467	767	365	196
Oficial	4	..	..	..	..	4	..	..	..	..
Missionário católico português	2 925	131	266	261	324	150	466	767	365	195
Missionário estrangeiro	23	5	10	6	..	..	1	..	..	1
Particular	2	2	..	..	..	..	..	..	..	..
Ensino eclesiástico	6	1	1	..	..	1	..	1	2	..
Missionário católico português	6	1	1	..	..	1	..	1	2	..
Ensino normal	6	1	..	..	..	1	1	2	1	..
Missionário católico português	6	1	..	..	..	1	1	2	1	..
Ensino técnico	69	10	3	2	11	6	10	14	9	4
Oficial (*a*)	6	4	..	1	..	..	..	1	..	..
Missionário católico português	60	3	3	1	11	6	10	13	9	4
Particular	3	3	..	..	..	..	..	..	..	..
Ensino comercial	1	1	..	..	..	..	..	..	..	..
Oficial	1	1	..	..	..	..	..	..	..	..
Ensino industrial	5	1	..	1	1	..	1	1	..	..
Oficial (*b*)	5	1	..	1	1	..	1	1	..	..
Ensino liceal	8	4	..	..	3	..	..	1	..	..
Oficial	3	2	..	..	1	..	..	..	..	..
Particular	5	2	..	..	2	..	..	1	..	..

(*a*) Inclui as escolas seguintes: Enfermagem do Hospital Central Miguel Bombarda; Topografia e Agrimensura e Caminhos de Ferro, em Lourenço Marques, no total de 3 escolas.
(*b*) Inclui as Escolas Industriais e Comerciais de Inhambane, Beira, Quelimane e Nampula.

Scanned by TapScanner

Anuário estatístico de 1960 – Estabelecimentos de ensino existentes por distrito, p. 151

Esse contexto pressupõe uma ideologia de hierarquização social que por um lado estigmatizava a população nativa africana, especialmente os negros, os considerando cognitivamente incapazes, selvagens e incivilizados, colocando os valores europeus como superiores, alvos, civilizadores. E por outro lado perseguia e incapacitava os que nessas condições buscavam sua alfabetização.

Apesar das lógicas de poder que atravessavam a escolarização em Moçambique, que segundo Newitt (p. 382) “revelou-se um processo de socialização rigidamente controlado entre os povos de Moçambique”, foi a cultura uma das principais frentes de resistência colonial no período. Como afirma Sanches (p. 222), “os contos que se narravam no ambiente familiar, as canções dos camponeses e trabalhadores nos campos e portos, as obras de arte plástica (escultura e máscaras), a pintura e a literatura oral e escrita, como meios de transmissão de valores culturais da sociedade, constituíam as formas de crítica social e de protesto ao colonialismo.”, essas produções eram mais facilmente imperceptíveis ao regime colonial por estarem em uma linguagem local, menosprezada e não traduzida.

Essas estruturas educacionais na qual o aparato do Estado colonial se amparava durante este período foi marcado por uma clara diferenciação entre as pessoas baseada no racismo e nas lógicas de poder, fator que posteriormente se estende para a diferenciação étnico-racial pois também se entende que asiáticos e indianos em algum nível foram afetados pelas hierarquias sociais e se mantiveram fora das lógicas de poder, apesar de em alguma medida terem privilégios em relação a população nativa.

Se reconhece a importância da interculturalidade promovida pelo período na construção e modernização das tecnologias do período analisado. Ainda assim, é esta estrutura hierarquizante que pauta a ideologia que menospreza alguns indivíduos em favor de outros, considera os menos educados desprovidos de qualquer tipo de conhecimento e os animaliza, transformando assim a figura do outro como perigosa, necessitando ser “salva” e “civilizada”, e questionando sua capacidade cognitiva, e transformando os indivíduos em pessoas necessitadas da missão civilizadora Essa ideologia é de tal forma universalizada, não só pelos discursos, mas também pelas mídias, imagens, sons, entre outros, que os próprios nativos consideram os seus e eles mesmos como desprovidos de competências, por não possuirem determinado grau de escolaridade, ou por reproduzirem determinado comportamento sociocultural.

3.5 Categoria relações coloniais (os intermediários)

A categoria das relações coloniais com foco no papel dos agentes intermediários foi incluída neste trabalho por se acreditar ser uma importante estrutura social alterada pelas lógicas da modernização e do colonialismo. Esses agentes são designados de intermediários por se tratarem de figuras que estavam entre os administradores coloniais e a população nativa, com privilégios de acesso ao regime colonial e, ao mesmo tempo, ao povo, desempenhando, assim, um papel de intermediários nas próprias estruturas de poder.

Neste sentido os estudos de Rouveroy van Nieuwaal tem vindo a apontar o papel destes agentes: "os governos coloniais inventaram ou reforçaram as relações hierárquicas entre diferentes chefes e também quando integraram o chefe no seu pequeno aparelho administrativo, colocando-o entre os administradores" (Rouveroy van Nieuwaal, 1996, p.40, apud Florêncio, 2005, p. 46). Para o autor essa incorporação da autoridade tradicional dentro do regime colonial tem três elementos fundamentais: a devolução, o da hierarquia e o dos distritos administrativos. A primeira se trata das manipulações promovidas pela administração estatal sobre as instituições de poder tradicional no que se refere a nomeação e destituição dos agentes de autoridade local. O segundo se refere a como o regime colonial inventou e reforçou a hierarquização das relações entre os chefes e inclusão destes pelo regime estabelecendo seus papeis de intermediários. E o terceiro elemento correspondeà criação dos distritos administrativos que corresponde à incorporação do componente territorial ao regime colonial (Rouveroy van Nieuwaal, 1996, p.40, apud Florêncio, 2005, p. 46).

As autoridades tradicionais desempenharam e ainda desempenham diferentes papeis sociais muitas vezes articulando os papéis tradicionais e desempenhando papeis estabelecidos no processo da modernização e do regime colonial entre eles: administradores, camponeses, empresários, feiticeiros, administradores, políticos, entre outros (idem, p. 48)

Durante a administração colonial portuguesa em Moçambique a algumas dessas autoridades tradicionais "os régulos" eram atribuídas funções de autoridade

sobre as comunidades e deviam atender as solicitações e fazer reportes à Portugal. Seus principais papeis nesse contexto eram a cobrança de impostos e o recrutamento de forças de trabalho. Há um consenso na historiografia de que o papel duplo que essas figuras exerciam foram de fator decisor para o sucesso da implantação do regime colonial em África (Meneses, 2009, p. 22). Isso ocorre graças aos privilégios cedidos pelo governo colonial a estes indivíduos, que aproveitam da autoridade concedida a eles para exercer seu poder sobre as comunidades. Os seus papéis no estabelecimento e afirmação da hierarquia social são uma ferramenta extremamente útil no controle das comunidades rurais principalmente, mas também se estende a classes intelectuais urbanas: "esta situação, característica da maioria dos intelectuais colonizados, vai cristalizando a medida que aumentam os privilégios sociais do grupo assimilado ou alienado, tendo implicações directas no comportamento dos indivíduos desse grupo perante o movimento de libertação" (Cabral, 1970, p. 363). Este processo ocorre principalmente pelos privilégios que são oferecidos e que aproximam esses agentes do modelo idealizado colonial ao oferecer privilégios que os aproximariam da imagem de homem "civilizado",

> " (o colonialismo) Instala chefes que gozem da sua confiança e sejam mais ou menos aceites pelas populações, concede-lhes vários privilégios materiais, incluindo a educação dos filhos mais velhos, cria postos de chefe onde não existiam, estabelece e incrementa relações de cordialidade com os dirigentes religiosos, constrói mesquitas, organiza viagens a Meca, etc. E, acima de tudo, garante por intermédio dos órgãos repressivos da administração colonial, os privilégios econômicos e sociais da classe dirigente em relação as massas populares. (Idem, p. 364)

Esta inclusão não acontece por acaso já que a figura da autoridade tradicional representava um acesso as populações locais e ao mesmo tempo ao regime colonial, estabelecendo relações que a primeira vista poderiam parecer de poder, mas que não os excluía das hierarquias de poder existentes pautados, por exemplo, nas relações étnico-raciais e de civilização.

4. Análise das cartas

Para a análise das cartas escolhemos trabalhar com algumas categorias e buscamos perceber como elas estabeleciam relações de poder na sociedade

moçambicana na década de 1960, a partir do contexto colocado e da ideologia hierarquizante, essas categorias são: o ausente, interdiscurso, as relações de gênero e poder, relações de gênero e finanças, relações de gênero e sexualidade, relações étnico-raciais, relações étnico-raciais e a educação, categorias civilizados e selvagens e por último a categoria dos intermediários.

As categorias foram escolhidas não só de acordo com os assuntos que mais se destacaram nas cartas, mas também por perceber que as relações de poder se alteravam ao olharmos as particularidades das três principais categorias: gênero, étnico-racial e relações coloniais (intermediários). A diferença de poder é clara ao analisarmos as cartas a luz do contexto histórico e ideológico. Se, por um lado, o colonialismo alterou a ordem social em Moçambique, por outro lado, esse impacto é percebido de diferentes formar ao olharmos com cuidado para cada uma destas categorias.

4.1 Categoria de Gênero

Entre as 118 cartas analisadas se nota a ausência de cartas redigidas ou assinada por mulheres. Em contrapartida, gênero é uma das principais temáticas e o volume de cartas escritas sobre mulheres ser bastante elevado. Na perspectiva de gênero compreendemos que qualquer generalização seria superficial visto que, como já referi atrás, Moçambique possui uma vasta diversidade étnica, cultural e linguística que se manifesta diretamente nos papéis sociais, inclusive no de gênero. Desta forma neste trabalho nos atemos apenas ao que aparece nas cartas sem que haja qualquer generalização das temáticas apresentadas e a realidade de todo o país. Os principais assuntos dentro desta categoria são: relação gênero e finanças, casamentos prematuros, relações extraconjugais, gênero e escolarização.

Entendemos que a ausência de cartas redigidas por mulheres está intrinsecamente ligada à lógica de poder e hierarquia social, influenciados pelos diversos acontecimentos históricos, instauração do trabalho forçado, acirramento do capitalismo ou modernização, colonialismo, cristianismo, multiplicidade cultural, formas étnicas e culturais, entre outros. Esses processos foram, ao longo dos anos,

posicionando e alterando o papel social das mulheres na vida doméstica ou na vida pública.

Na análise das cartas a categoria de gênero foi a mais frequente, e é possível fazermos algumas considerações sobre o tema a partir das subcategorias que mais se repetiram como: gênero e finanças, onde encontramos cartas redigidas por homens que tratam a questão dos relacionamentos e do financeiro envolvido tanto no processo de concretização dos casamentos, como no dia-a-dia dos relacionamentos como um espaço onde se estabelecem relações de poder ao encontrarmos relatos de dependência financeira de mulheres em relação a seus maridos e da busca da independência através de atividades como a prostituição; na subcategoria dos casamentos prematuros, onde é possível perceber necessariamente como a relação entre gênero e finanças, especialmente em contextos de pobreza, aprisionam meninas em casamentos com a promessa de ascensão social e melhorias nas condições financeiras; por último na subcategoria de gênero e sexualidade, na qual é possível perceber principalmente como o cristianismo e valores ocidentais designa a mulher uma sexualidade restrita a vida privada, e onde comportamentos e mesmo determinados assuntos ao serem vistos/proferidos em público são alvo de indignação e revolta.

4.1.1. Gênero e Finanças

Carta 22

Homem oferece a filha como pagamento de dívida (carta 22): o autor da carta conta o episódio em que após passar na frente da casa do vizinho e cumprimentar a menina, o vizinho lhe teria pedido dinheiro emprestado através da menina, envergonhado o homem afirma ter dado o dinheiro, no segundo dia a história se repete e novamente o homem envergonhado empresta o dinheiro, desta vez perguntando quando a quantia lhe seria devolvida, momento em que a menina lhe responde que seu pai pagaria a divida. Após algum tempo o homem chama a menina para lhe cobrar a divida, a menina vai ao pai perguntar-lhe do dinheiro e o pai a manda ter com o rapaz pois não tem dinheiro. Verificam-se nesta carta diferentes atitudes:

por um lado o pai da menina usando a filha para pagar a dívida e por outro lado, o autor da carta indignado e envergonhado com esta atitude:

> *"O pai disse que vais tu a ter com o rapaz porque eu não tenho dinheiro para pagar. Quando a filha veio perto de mim começou a contar as palavras do pai para mim, quando eu ouvi fiquei com muita vergonha logo mandei a menina embora e dizia a ela para não pagar mais o meu dinheiro. Assim mesmo eu acho que as meninas estão abandonar cabaças não são culpadas, culpados os pais."*(carta 22)

Na mesma carta o autor também faz uma referência a casamento prematuros e sobre homens que deixam seus empregos depois que se casam,

> "*O homem pode fazer matrimônio com 15 anos só? Além disso quando casar já não quer mais a trabalhar, a mulher (palavra ilegível—pintar?) a manta* (carta 22)".

Nesta carta verificamos apontamentos de uma suposta dupla dependência financeira neste caso tanto em relação ao pai, como em relação ao autor da carta, ondeseu corpo seria moeda de troca,. Não podemos deixar de demarcar que apesar do caso relatado a reação do autor da carta é de espanto e indignação frente a situação.

Na carta 22 percebemos não só essa relação financeira entre corpos femininos e o dinheiro, como também uma estigmatização da figura feminina, provavelmente também derivada desse distanciamento das redes sociais familiares, que individualizam e centralizam as relações nas famílias e não mais nas comunidades. O que pode distorcer a imagem da figura feminina ao afastar o convívio de referenciais femininos que contribuíam para uma percepção do universo feminino em sua totalidade.

Carta 62

Defeitos impossíveis de combater (carta 62): na carta 62 em um caráter um tanto poético o autor fala sobre alguns "defeitos impossíveis de os combater": o primeiro é "o querer", nele o autor fala sobre motivações, defesas e execução delas; o segundo defeito é "a ilusão", nesse ponto o autor o autor fala sobre o amor, escreve em terceira pessoa, que teria "gravado" por uma menina, com intenção de casamento, porém um outro rapaz a propõe casamento sem que haja consulta a vontade da menina.

> "[..] *desde há muito tempo tinham sido gravado o amor a uma menina, que nas suas intenções guardam para futuramente se casarem. Mas aparece um sujeito pretendente da mesma menina, pedir a mão da entrada sem consultar primeiro ao que a rapariga tinha aguardado escondidamente para se amarrar o passo com ele.* (carta 62)*"*

No terceiro defeito, para o autor "impossível de combater", estaria a "estupidez", nela o autor continua a história anterior, dizendo que a menina se casaria com o outro rapaz, pois teria oferecido dois mil e quinhentos escudos como proposta de casamento. O autor fala ainda sobre o amor pela livre vontade

> *"[..]gente estúpida basta arranjar dois mil e quinhentos escudos (2.500) procura uma menina com o fim de se casar com ela para formar talvez um lar infeliz. (carta 62)".*
>
> *"[..]o amor senão pela livre vontade (carta 62)".*

Ainda na carta 62 o jovem faz uma comparação entre relacionamentos modernos e o que eram os relacionamentos de seus pais, inclusive sugerindo que "modernamente" há alguma autonomia da menina já que a mesma pode "analisar o juízo" de seu rapaz.

> *"[..] modernamente se pensar em casar escolhe primeiro a noiva em seguida faz galanteios com ela pelo menos seis meses para procurar analisar o juízo dela e bem como ela também o de seu rapaz. (carta 62)"*
>
> "*O jovem pretendente não deve apresentar um amor cego confiando somente no seu dinheiro [..], porque o cego e dos costumes dos nossos passados pais, [..] os pais vendo o dinheiro perguntam a pretendida se ama deste ou não , e , se caso a tal detestar do rapaz nisto então os pais esforçam a filha dizendo: que deve-nos respeitar porque somos os seus superiores. (carta 62)"*

Mais uma vez neste trecho há a referência a questão do dinheiro, que segundo o autor não deve ser a única confiança do rapaz que pretende de casar, aqui sinalizando possivelmente aos lobolos que na altura eram realizados a partir de uma quantia financeira oferecida a família da noiva.

O rapaz refere ainda um sentido de ofensa de um jovem ao ver seu dinheiro gozado por outros, pois a rapariga escolheria estar com o primeiro rapaz a quem seus sentimentos estariam ligados. Mais uma vez referenciando a relação entre gênero e dinheiro.

"[..]o jovem sente-se ofendido por ver o seu dinheiro a ser gozado por outros, que foram primeiros a falar particularmente com a rapariga."

Há presente nesta carta uma dupla subjugação feminina tanto em relação a família que determina com quem a menina deve se casar, mediante a determinada quantia financeira, como também por parte do seu futuro/atual esposo que pagou/pagará uma quantia para que se case com ela.

Uma carta que exemplifica bem esse tipo de situação em que a mulher não necessariamente fica dependente economicamente do esposo é o caso da carta 67, analizada logo abaixo,

Carta 67

Desgraçou-me a vida (carta 67): nesta carta o autor conta como se casou com uma mulher que lhe desgraçou a vida, depois de gastar todo o seu dinheiro, tendo depois supostamente a mulher retornado pedindo para reatar o relacionamento, porém com oito esposos diferentes. O homem então diz que foi avisar os pais que a mulher andava com essa quantidade de homens. O autor afirma que os pais ficaram tristes e posteriormente afirma desconfiar que a mulher se prostitui com ordem dos pais já que eles se retiram da casa na chegada de algum destes homens.

> *"eu estou cá em Pebane a 4 anos a trabalhar mais vez muita mulher, bonitas com pernas finas, eu tomou uma menina chamada Amina Antonio Macava, que me chegou desgraçar a minha vida toda depois de estragar dinheiro a gaja mandou-me na rua, disse já acabou teu dinheiro todos não te quero mais, depois dentro de 4 meses quando ela já sabia já arranjou mais dinheiro, veio pedir-me desculpa vela se pode me dar 20,00 para comprar de cumer. (carta 67)"*
>
> *"Meus caros queridos amigos tomas cautela com as mulher daqui Gebane, sempre gosto dos dinheiro. (carta 67)"*

Nesta carta encontramos novamente uma suposta ligação entre o casamento que a mulher mantinha com o autor e o dinheiro que ele possuía, pressupondo uma suposta dependência financeira. A mulher retorna ao saber que o homem já possui mais dinheiro e o fato de "tratar a vida de vadia" com outros também pressupõe uma relação direta entre a sexualidade feminina e o dinheiro.

Um fato que chama a atenção é o de em muitas cartas aparecem à referência a prostituição, em uma delas o autor faz uma associação direta entre a prostituição e a independência feminina (carta 95).

4.1.2. Casamentos prematuros

Como já foi explicado, os casamentos prematuros em Moçambique são um fenômeno social antigo que vem sendo combatido a anos, tal fenômeno também se verificou nos discursos presentes nas cartas, onde muitas delas da categoria de gênero revelaram casamentos prematuros, seus discursos de modo geral falam sobre matrimônios realizados com crianças a partir dos 4/5/6 anos. De modo geral os casamentos prematuros ocorrem devido a fatores socioculturais como os ritos e iniciação, mas também devido a pobreza, aqui se destaca o que anteriormente foi abordado sobre a capitalização dos corpos femininos; a falta de aplicabilidade e difusão da legislação e políticas que protegem a crianças nesses casos e a orfandade.

Para muitas famílias o casamento das filhas representa a obtenção de algum rendimento, e em situações de extrema pobreza pode representar a oportunidade de uma vida mais confortável economicamente para as próprias meninas, nesses casos os pais vêm como algo positivo a retirada de suas filhas do ensino primário a fim da realização do matrimonio com homens mais velhos.

Carta 74

Numa povoação inteira frequentar só um rapaz a escola é muito impossível (carta 74): o autor desta carta trata de assuntos diversos em uma só carta, inicia falando sobre os meninos da sua cidade estarem todos a irem para a Beira, fala que os meninos estão a fugir da fome, deixando a escolar para procurar empregos em cidades maiores como a Beira, fala que por ser o único de sua povoação a estudar, que isto despertaria muita inveja e que teriam enfeitiçado sua mãe que esta doente, ao invés de o matarem.

Ao meio da carta o autor faz uma denúncia de que muitos pais da sua povoação entregam as filha para casamentos prematuros:

"Muitos pais daqui não tem amor aos seus filhos, porque há uns que entregam para casamentos suas filhas de 5 a 6 anos e isto é uma vergonha para o publicar porque um menino para poder começar com os estudos é preciso que complete os 6 anos, como é que uma criança pode casar com 5 a 6 anos de idade se ainda não tem conhecimento do valor do casamento?(carta 74)"

Apesar de não haver uma associação explicita na carta entre os relatos de casamentos prematuros e a situação econômica das famílias, a própria contextualização do texto, com relatos de fome, mudanças a trabalho, sem escolas, sugere que seja realmente a questão econômica as bases dos relatos de casamentos prematuros que neste caso é duas vezes a figura de esperança das famílias, tanto a esperança de reduzir os níveis de pobreza através do matrimonio, como a saída em busca de melhores oportunidades nos centros urbanos e consequentemente abandonando as mulheres, muitas delas mães adolescentes.

O autor ainda conta uma história em que uma mulher lhe oferece a filha em casamento e após responder que não tinha idade, a mulher "tirou palavra que fora de meu gosto" e ele a agride.

"[..] fiquei zangado com uma mulher por ela me pedir para tomar em casamento a filha dela. E eu disse-lhe que não queria porque ainda não tinha idade, e ela logo por ouvir isso tirou palavra que fora de meu gosto e como eu já estava aborrecido dei um bofetão. (carta 74)"

Carta 83

Vocês quelimanistas não pensam são burros (carta 83): Nesta carta o autor conta sobre sua noiva de apenas quinze anos que vive com os tios pois não tem pais.

"[..]assim de que essa noiva que está aqui na minha fotografia é a minha própria namorada que eu espero de me casar e aqui em Vila de Manica mas essa menina tem 15 anos de idade (carta 83)"

Em outra parte da carta o autor também conta sobre um homem que foi visita-lo e abraçou sua namorada enquanto falava que os quelimanistas (pessoas nascidas em Quelimane) são burros e que comem cobras.

"[..] e encontrou esse homem chamado Zeferino e começou abraçar minha namorada e dizer que vocês quelimanistas não pensam são burros comem cobras. (carta 83)"

Depois justifica que o homem havia dito tal coisa pois ele havia se negado a casar com sua filha, que possui 20 anos e ele apenas 17, indignado o autor afirma ainda que ao propor a filha em casamento o homem "não tem vergonha quando esta falar".

> *"[..]eu sei porque que ele anda a (palavra ilegível) é por causa que eu neguei de casar com a filha dele e mesmo assim ainda eu não idade e essa filha do Zeferino tem 20 anos e eu tenho 17 anos e ele não tem vergonha quando esta falar. (carta 83)"*

Na carta 83 temos presente novamente o discurso que relata um casamento prematuro, sem associação clara das razões do casamento, além disso utiliza o autor relata o uso de termos depreciativos associados a falta de escolaridade e "civilização", no discurso presente na carta um homem deprecia o remetente e os "quelimanistas" de burros pois comem cobras, associando um problema de ordem econômica com o grau de escolarização ou de civilização. De fato o que temos no contexto da escolarização em Moçambique naquela altura é uma distinção acerca do que são consideradas práticas ditas "civilizadas" e as que necessitam ainda deixar para trás os hábitos "selvagens". Esta diferenciação de modo geral ignora tanto a situação socioeconômica da maioria da população local, como a cultura e o próprio modo de vida nas áreas rurais de Moçambique. Nesta carta há uma indicação de que esta diferenciação teria sido utilizada para classificar o remetente como um pretendente menos apto a relacionar com a menina em questão.

4.1.3. Gênero e sexualidade

Carta 08

Uma rapariga casada com dois homens (carta 08), nesta carta o autor conta a história de ter se casado com uma mulher, que posteriormente descobriu ser casada com outros dois homens,

> *"[..]eu tive uma mulher de nome Dauliza mas houve 2 homens que (palavra ilegível) entregar. [...] sr. Diretor ondem que encontrou uma rapariga casada com 2 homens? Essa é mulher verdadeira não é uma puta sabida? Também esses homens não são cães mal educados culpados são os pais que educaram bem esses cães porque ele não podia fazer coisa igual se fosse civilizado. (carta 08)"*

O homem então usa termos como "puta" e "sabida", para caracterizar a mulher, além disso, trata os demais esposos da mulher como "cães mal educados" e

“se fosse civilizado”, na continuação da carta o homem cita então outra mulher que seria “minha mulher da minha própria terra”:

> *“Também a puta da mulher não podia de fazer me (palavra ilegível) com minha mulher da minha própria terra de nome Elideia Antonio Pacoxo. Estou muito aborrecido com isso por ser casada com 2 homens. (carta 08)”*

O autor faz então a caracterização dos esposos da mulher, os distinguido como:

> *“A, i também não são da minha classe são da classe dos machileiro. (carta 08)”*

E ao final da carta ainda fala sobre ter mandado embora sua esposa para que pudesse se casar com esta mulher que possuía mais dois maridos.

> *“[..]se eu soubesse não mandava embora minha mulher. (carta 08)”*

Nesta carta o homem faz a associação de tal prática (poligamia) como sendo algo de alguém não civilizado, e classificando esses homens como cães mal educados. Referente especificamente a poligamia, apesar de uma prática comum em Moçambique, no período colonial foi largamente combatido e associado à promiscuidade tanto pela igreja e seus projetos desenvolvidos como pelos valores ocidentais de família, puritanismo e promiscuidade.

Aqui temos mais uma vez uma dupla subjugação das mulheres, tanto dentro da própria cultura por discursos ideologicamente alinhados ao discurso civilizacional colonial, cristão e ocidental, ao ser caracterizado como “puta sabida”, por reproduzir um comportamento social e culturalmente comum, e mesmo sendo a prática do próprio autor que na mesma carta afirma que possuía outra esposa.

Apesar da ambiguidade dos discursos presentes em Moçambique nesta altura, foram constatados diversos casos nas cartas que relatam comportamentos não monogâmicos, na maior parte das cartas, relatados como práticas das mulheres, sempre como algo que causa muito espanto e indignação por parte dos autores. Como as cartas na sua totalidade foram redigidas por homens não há como afirmar que o comportamento social seja exclusivo de mulheres, aliás na própria carta 08 encontramos o autor relatar que manteve casamento com duas mulheres, porém o que encontramos nas cartas são relatos de casos das mulheres como agentes não monogâmicas, como veremos nas cartas adiante.

Carta 29

Minha vida sempre corrida mal sobre as mulheres (carta 29): nesta carta de lamento o autor inicia contando que sua vida sempre correu mal sobre as mulheres, o homem então conta sobre ter conhecido uma mulher em Inhambane que estava interessada nele:

> *"A minha vida sempre corrida mal, sobre das mulheres, a mal quando eu recebo logo dei maçaltada para espangara precuro das mulheres. No dia seguinte cheguei na espangar havia uma rapariga, rapariga que gostava da minha pessoa, esta rapariga chamada Madalena Tomás, terra de boa gente Inhambane.(carta 29)"*

O homem então fala um pouco mais sobre seus problemas, pois apesar de já residir na cidade da Beira a três anos não possuía vestuário e calçados. Depois continua a história com a menina que segundo o autor possuía marido e o fez de amante e reforça para os leitores que Inhambane é terra de boa gente:

> *"Até fazer amante comigo, esta gaja tinha o marido que trabalha no caminho de ferro como contina. Um dia estivemos os dois de nós eu e minha amante. (carta 29)"*
>
> *"[..] sabes dessas mulheres de terra de boa gente, Inhambane. (carta 29)"*

Vale destacar também a referência que o autor faz na carta para a prostituição:

> *"[..]além disso não tenho vestuário nem uma moeda que eu tenho sobre das putas. (carta 29)"*

A carta 29 é mais uma carta em que se relata um caso de não monogamia por parte de uma mulher, apesar do remetente não afirmar se possuía ou não uma esposa. Neste período em Moçambique havia um forte controle sobre a sexualidade feminina, tanto pelo controle "civilizacional", como pelos valores cristãos e ocidentais. Apesar da carta ser de um tom de lamento sobre sua situação financeira mais uma vez encontramos uma carta onde o homem associa o fato de sua "desgraça" ao fato da mulher com que se relaciona possuir outro parceiro, mesmo quando o próprio autor afirma possuir também outra esposa, como o caso anterior da carta 08.

Carta 32

Conversas escandalosas (carta 32): na carta 32 temos o reflexo desse controle sobre os comportamentos femininos bem demonstrados pela tom de surpresa do

autor ao afirmar que junto com seus colegas ao passear ouviu umas meninas a ter conversas escandalosas,

> *"[..] encontramos umas meninas a conversar com seus rapazes conversas escandalosas que nós não esperávamos [..]. (carta 32)"*

Ao se considerar que determinadas conversas ou discursos não devem ser proferidos ou não se espera que sejam proferidos por mulheres, revela uma das formas de atuação do patriarcado que exclui e isola discursos sobre a sexualidade e comportamentos femininos em ambientes privados, com base em um imagético ideal de feminino, em valores ocidentais e cristãos. Outro exemplo sobre a diferença entre o ideal feminino, desta vez associado a um estado de "falta de civilização" está na carta abaixo,

Carta 47

As mulheres de Nampula era para ficar mais pouco civilizado (carta 47): esta carta enviada em resposta a outra carta já publicada pelo jornal Voz Africana, tem um caráter um tanto de insatisfação por parte do autor que reclama do amigo que voltou a escrever mesmo após dizer que não escreveria mais. O autor então passa a criticar as pessoas de Murrupula (cidade) que residem em Nampula. Depois segue fazendo criticas aos comportamentos das mulheres que residem em Nampula:

> *"[...] mais que me enbira muito é as mulheres deles gostam rachar na garra e pintar com uma tinta que nunca mais saia [..]. (carta 47)"*

> *"As mulher de Nampula era para ficar mais pouco civiliçado mas que fos estragar é beber e vadiar, se uma pessoa ver uma mulher de Nampula tão bem jeitosa então bem sabendo que é de nametil ou é de Mussuril mas também Mahara é que mais mais telas são roubalhona elas não gosta popre não quero uma pessoa ser serviço. (carta 47)"*

Por último o autor ao falar do comportamento das mulheres residentes em Nampula afirma que é uma vergonha que as mulheres tenham determinado comportamento:

> *"Bronto os ouvimos amigos falar as suas mulheres não tornar rachar na garra é uma vergonha para nós e para português agora todos somos português é favor mandar as suas mulher terminar está fazer piorar estranhar na sua terra. (carta 47)"*

Nesta carta temos mais uma vez um discurso que remete a um estado "não civilizado" das mulheres e pede aos homens que controlem os comportamentos de

suas mulheres. Nas cartas notamos uma presença repetitiva do termo “civilizado”, sempre com um tom idealizado, como um modo ser que necessita ser alcançado, especificamente nesta carta temos uma referência ainda ao próprio estado colonial, quando o autor afirma que “é uma vergonha para nós e para português”.

Carta 79

Ela tem dois filhos (carta 79), nesta carta o autor inicia sua história falando sobre as mulheres na cidade de Maiaia, que segundo ele são mundanas,

> *“[..]na vila ou cidade de Maiaia, há muitas raparigas e mulheres que se casa e que casa. Isto é, 500 mulheres por cento a maior parte tão budanas. (carta 79)”*

Depois conta sobre seu casamento que segundo ele durou pouco tempo pois mesmo mostrando ser “boa mulher” e que “cumpria seus deveres” depois de sete dias o autor notou que ela não seria sua esposa, ao fim de um mês, segundo o autor a mulher lhe teria mandado a rua e finaliza dizendo que a mulher tem dois filhos

> *“Fiquei com ela só apenas 3 dias e mais tendo-lhe estado 2 pares de capulanas ou vestuário. Quando lhe tinha casado a pouco tempo, mostrava-lhe ser boa mulher e cumpria os meus deveres, depois de 7 a 7 dias logo notei que não seria minha esposa e com paciência continuei ficar com ele, considerando-lhe como minha esposa e como ela não acostumou durar com um homem logo aos 31 dias e meio mandou-me na rua pergunto meus caros amigos assim é justo? Bom confesso da minha palavra de honra que eu gostava da gaja e agora gosto meus amigos ela quiser posso continuar? Ela tem dois filhos. (carta 79)”*

Nesta carta é possível se notar claramente que o autor possuía expectativas com um ideal de comportamento feminino que não foi o desempenhado por sua companheira, a que o autor não deixa claro se esta ou não entre as mulheres “budanas” de sua cidade. O homem finaliza sua carta inserindo uma informação de caráter duvidoso em sua relevância para o entendimento da carta, ao que indica, como forma de desvalorizar o comportamento da mulher dizendo que a mesma possui dois filhos.

Carta 95

Ela pensa que estar de conta vale mais que estar casada (carta 95): Nesta carta o autor inicia falando especificamente das mulheres negras e associando a elas a inveja, o autor então afirma,

"As mulheres da raça negra nos querem que outra mulher tenha uma coisa que ela nós tem em casa dela por exemplo ela sai para parte qualquer vê coisas que ela não tem em casa começa a sofrer e crescer maus pensamentos. (carta 95)"

Depois faz referência a prostituição na cidade de Matacuane, dizendo que sua esposa teria ido visitar as mulheres para ver como elas viviam e que havia gostado, despertando assim interesse na mulher em desempenhar tal função,

"Dizem que em Matacuane há muitas mulheres da conta própria na (palavra ilegível) ela foi lá ver como aquelas vivem e gostou daquela forma de estar por isso ela voltou para levar a roupa dela. (carta 95)"

"Cresceu no coração dela o pensamento de exercer aquele oficio. (carta 95)"

O homem então fala sobre o interesse da mulher em desempenhar tal função e deixar o casamento, e pergunta aos leitores se não acham justo que as mulheres paguem imposto ao desejarem se separar, pois assim evitaria que existissem tantos divórcios,

"Ela pensa que estar de conta vale mais que estar casada. (carta 95)"

"Leitores desta carta não acham que se as mulheres pagassem imposto da forma dita a separação haveria mas em menor número? (carta 95)"

Nesta carta temos uma associação clara entre a questão financeira e as mulheres pois apesar do homem não dizer claramente que a mulher tinha interesse em se separar para se tornar prostituta por razões financeiras, ao sugerir a cobrança de impostos a fim de evitar os divórcios faz a associação entre a manutenção dos casamentos e a dependência financeira das mulheres em relação aos homens.

Na carta 97 temos a mesma sugestão em relação a cobrança de impostos. Fato curioso entre a relação entre as cartas 95 e 97 é que além do tema ser semelhante, elas também são escritas no mesmo tipo de papel, com a mesma caligrafia o que faz com que acreditemos que apesar de diferentes remetentes provavelmente foram redigidas pela mesma pessoa, fato relevante na nossa análise em um contexto em que poucas pessoas eram escolarizadas.

Carta 97

Eu penso que a costela do homem que fez a mulher estava pouco fraco (carta 97), nesta carta o autor questiona sobre a quantidade de divórcios que tem ocorrido, também sobre a cobrança de impostos para as mulheres, o homem fala sobre o

homem ter de pagar para se casar e então as mulheres “aproveitarem” para estudar e ter a carta e então depois escolherem estar “por conta”, o autor então relata seu caso pessoal onde se casou com uma mulher que recebia um salário maior que o seu e que segundo ele só era utilizado na compra de vestuário,

> *“Por que há nestes dias bastantes divórcios? E as senhoras que ocupam lugares onde nós os desempregados podíamos empregar pagam impostos? E o homem desempregado não paga também? Isto nós merecia. Nos tempos dos nossos atempassados os abandonos não eram assim, a separação de casamento era só pela metade de um deles mas nestes dias o jovem gasta a massa em casar só para 5 anos e outros não chegam ai. Ora se a autoridade protestasse com uma junta de mulheres da conta os divórcios também chamavam pois que há certas que abandona do esposo para esta também de conta própria como muitos falam. Elas aceitam casar para tirar curso e ter a carta é um auxilio para outros e a outros perca, mas elas também merecem um imposto duplicado o de homens. Digo eu que se as mulheres da conta pagassem impostos não haveria muitos abandonos, doutro lado um simplório como eu casa com uma menina que trabalhava e recebia melhor e esse melhor era só para comprar vestuário. (carta 97)”*

Em um caráter um tanto de indignação o homem então utiliza um trecho biblíco para afirmar que o homem não deve estar só e que a mulher teria sido feita da costela do homem, costela que o homem afirma que estava um pouco fraca e por isso as mulheres pensam muito pouco,

> *“Segundo o genisis 2 – 18 fala Deus disse: não é bom que o homem esteja só; for-lhe-ei uma adjutora que esteja diante dele e o mesmo 2-21 vemos que a mulher foi feita por uma das costelas do primeiro homem. Eu penso que a costela do homem que fez a mulher estava pouco fraco por isso as mulheres pensam muito pouco. Logo que casa precisa ter tudo em ordem nós precisa de sofrer o que estão na (palavra ilegível) sofreram nos princípios que é caminho para todos. (carta 97)”*

Nesta carta temos mais uma vez uma carta que estigmatiza o comportamento das mulheres e associa sua condição no casamento ao de dependência financeira, que no caso em questão é ultrapassado através do que ele nomeia como “estar por conta” e sugere também, assim como na carta 95, a cobrança de impostos a fim de evitar os divórcios. Nesta carta vemos também a invocação de valores cristãos para desabonar comportamentos femininos.

4.2. Categoria Étnico-Racial

"Ensinaram-me na missão, quando era pequenino:
"Somos todos filhos de Deus; cada Homem é irmão doutro Homem".
Disseram-lhe isto na missão, quando era pequenino.
Naturalmente, ele não ficou sempre menino:
Cresceu, aprendeu a contar e a ler
e começou a conhecer melhor esse mulher vendida – que é vida
De todos os desgraçados.
E então, uma vez, inocentemente, olhou para um Homem e disse: "Irmão ..."
Mas o Homem pálido fulminou-o duramente
Com seus olhos cheio de ódio e respondeu-lhe: "Negro".

Lição, 1949, em Hedge, p. 226.

Analisar a categoria étnico-racial e suas relações presentes nas cartas significa também o esforço de perceber como, na população local, a relação entre pessoas brancas e negras afetavam as relações de poder, que pelo contexto estruturante do período pressupõe uma hierarquização dos indivíduos a partir da sua cor da pele e origem étnica.

Nesta categoria ao analisar as cartas percebemos logo a vista superficial a diferença na escolarização entre a população nativa e os colonos a partir da própria redação das cartas. Enquanto as cartas redigidas por nativos possuem muitos erros gramaticais, falta de concordância e mesmo pedidos de desculpas pelos erros gramaticais/ortográficos, os próprios redatores citam em muitas destas cartas até qual ano foram alfabetizados, e em sua maioria afirmam não haver terminado a escola.

É essa hierarquização social que estabelecia a ideologia do sistema colonial que foi aprofundado durante o regime do Estado Novo, subalternizando tudo quanto fosse aspecto relacionado a população nativa, sendo o "civilizado" e "moderno" associado a valores ocidentais e europeus; e "selvagem", "indígena", entre outros, associados a africanos, principalmente àqueles retintos. Essa ideologia está muito presente nos discursos das cartas e fica evidente o caráter hierarquizador quando compreendemos a ideologia do período.

Nas cartas dirigidas ao Voz Africana conseguimos identificar no interdiscurso alguns indícios desta hipótese:

4.2.1. Cartas sobre educação

Carta 4

Quem é bem educado e respeitador não olha para quem fala (carta 4), nesta carta o autor conta que chegou na terra onde nasceu a fim de visitar sua família e dois dias depois de sua chegada foi se apresentar no Posto e "por visto" os seus documentos, ao chegar no posto foi atendido por um escriturário que segundo ele não se limitou a receber seus documentos e lhe fez diversas outras exigências "fazendo-se de gente grande", indignado com tais solicitação o autor escreve:

> *"[..]por amor de Deus que tenham um pouco de respeito aos que não sabem ler nem escrever, não lhe dizendo como é seu hábito, arrastam ai para fora, cheiram mal, isto não (carta 4)".*

Descontente com a forma que foi tratado e pela palavras proferidas pelo atendente ele continua,

> *"Quem é bem educado e respeitador, não olha para quem fala ou se dirige, como nunca se pode ensinar a uma criança duas maneiras de comer, uma para uso interno outra para uso externo (carta 4)".*

Na carta 4 conseguimos perceber claramente no discurso a presença de uma hierarquização social pautada principalmente no nível educacional, ao afirmar que o tratamento dado pelo atendente e que considerou desrespeitoso foi principalmente por perceber que o mesmo não possuía escolarização. Ao analisarmos o contexto, dentro da categoria de interdiscurso, podemos perceber que de acordo com o próprio contexto do período analisado, que a educação estava como ferramenta na constituição do próprio aparato colonial, sendo assim um dos instrumentos de colonização, mas também de segregação e hierarquização social. Assim marcando as estruturas de poder através das associações a tudo que estava ligado aos portugueses como civilizador e os demais como selvagens.

Esta associação clara entre o "selvagem", "animalesco", "incivilizado", entre outros, também pode ser percebido na carta 27 (logo abaixo):

Carta 27

Quando uma pessoa não andar na escola ele haverá a vida dele aparece como do animal (carta 27), nesta carta direcionada para os velhos, os solteiros e os que não foram batizados, o autor fala sobre a necessidade do estudo e associando as pessoas não escolarizadas a animais:

> *"O melhor para os pais é mandar os seus filhos na escola porque eu já tenho a certeza de estudo; quando uma pessoa não andar na escola ele haverá a vida dele aparece como do animal! Porque o animal não sabe lavar as roupas e nem toma o banho e por o menos de vergonha sobre de andar sujo ele me vergonha por isso. Uma pessoa que andou na escola já sabe tudo o que dá o bem e o mal (carta 27)".*

Depois ele continua dizendo que ele mesmo já fez esse tipo de coisas antes de frequentar a escola e fala sobre como o estudo garante a "boa vida",

> *"Eu fui na escola enquanto já era a tarde em quando eu já estive estudar ai logo que a boa vida para o homem é o estudo (carta 27)".*

O autor relembra uma irmã que o incentivou a estudar até a quarta classe e diz que ela "deu me a vida", depois segue escrevendo para os jovens solteiros sobre a necessidade de se procurar uma noiva cristã para casar, depois que não custa a mudar alguém que não é cristão lhe bastando apenas paciência e fé e exemplifica com sua mãe e irmã que agora o são. Depois questiona os leitores,

> *"E o dinheiro que eu ganhar, mas uma pessoa que ganha ao menos não podem noivar? (carta 27)".*

Ao fim relata que noivou uma menina, mas que não se casaram pois as irmãs dele, haviam se casado com rapazes de outros lugares, o que pressupões que isto era inaceitável a família da noiva,

> *"E ainda eu desde 1960 e até 1964 comessei noivar a filha dele em 1960 e a rapariga disse, que tenho o amor mas não é para casar consigo. Porque as minhas irmãs não casaram com rapaz que é natural de Muncinga (carta 27)".*

Na carta 27 temos uma associação clara do remetente entre o nível educacional e "tudo que dá o bem e o mal", como sendo algo que se aprende na escola, pressupondo que as pessoas que foram alfabetizadas saibam diferenciar "bom" do "mau" e que as que não foram, não o saibam.

Se reconhece a importância da interculturalidade promovida pelo período na construção e modernização das tecnologias do período analisado. Ainda assim as relações de poder estabelecidas através da educação foram ferramentas também determinantes das lógicas de poder do período analisado principalmente hierarquizando indíviduos escolarizados e menosprezando e animalizando aqueles que não o eram. Esta ideologia era de tal forma perpetuada que os próprios nativos consideram os seus e eles mesmos como desprovidos de competências por não possuir determinado grau de escolaridade, ou por reproduzir determinado comportamento sociocultural, caso que podemos perceber na carta 43 logo abaixo,

Carta 43

Sou sujeito de poucos estudos (carta 43), na carta 43 o autor relata as oportunidades que perdeu na vida por falta dos estudos, e em um tom um tanto quanto motivacional relata como mesmo os pais o mandando a escola ele fugia para ir a pesca:

> *"É por falta dos meus estudos que não me adiantam nada.[..]meus pais mandavam ir para a escola, e eu em vez de ir a escola fugia sempre para a pesca (carta 43)".*

Inicia escrevendo sobre o trabalhou que não pode desenvolver por falta de estudos: "*disseram-me que não podia trabalhar sem habilitações literárias de 4ª classe",* depois sobre ter ido jogar em Lisboa, mas também perdeu a oportunidade, "[..] *mandaram-me para ir jogar em Lisboa e não consegui ir por falta de habilitações da 4ª classe".*

Relata também sobre um possível casamento que não foi concretizado pois o rapaz não possuía estudos:

> *"os pais da menina não me facilitaram do meu pedido afim de eu noivar com a menina por falta da 4ª classe. [..] isto tudo é por falta da 4ª classe (Carta 43)"*

Escreve também sobre os colegas que conseguiram obter a quarta classe e por isso recebem bons vencimentos e por último em um tom um tanto quando motivacional aconselha os estudos e se desculpa por ser "um sujeito de poucos estudos":

> *"[..] meus colegas que tenham a 4ª classe recebem um bom vencimento e eu por falta da 4ª classe recebo pouco dinheiro. [..] sem estudos nada se*

adianta fica como se fosse um arvore que se encontra no meio do mato. [..] Peço-vos meus leitores que queixem com essa nossa falta de estudos. [..] peço-lhe que me perdoe com os meus erros porque sou um sujeito de poucos estudos (carta 43)".

A estrutura social na qual o remetente da carta estava inserido era de tal forma atravessada pelas lógicas de poder relacionadas com a escolarização, que diversas oportunidades a nível trabalhistas, mas também a nível de sua vida privada, como o noivado, foram-lhe perdidas por não ser considerado hábil, já que o mesmo não fora escolarizado.

Esse questionamento crítico a respeito da hierarquização social e desigualdades promovidas pela utilização da educação como ferramenta do regime colonial/fascista também aparece em outras cartas como vemos logo abaixo.

Carta 54

Quais são os membros da civilização? (carta 54), na carta 54 o autor inicia já pedindo desculpas pelos seus erros e já fala sobre ser de poucos estudos,

"Sou apenas do poucos estudos meus amigos perdoem dos meus erros (carta 54)".

Em tom de questionamento também faz algumas perguntas aos leitores entre elas:

"Que é o valor do estudo? Para quem que choramos de saber escrever e ler? Quais são os membros da civilização? (carta 54)".

Finaliza falando de dois amigos que seguem a vida militar e afirma que o causo que o incomoda irá relatar em outra carta.

Na carta 54 é possível identificar através do discurso do remetente o questionamento crítico acerca do valor da educação e sobre os membros da civilização, apesar disso no inicio da carta o autor, assim como grande parte dos autores das cartas inicia seu discurso pedindo desculpas pelos erros cometidos nas cartas e descrevendo seu nível de escolarização. O que simbolizaria uma dupla visão acerca do tema, ideologias que se cruzam e aparecem aqui tanto na forma de conformidade ao sistema social hierárquico estabelecido pelo governo colonial, como

também uma visão crítica deste mesmo sistema, que o leva a questionar a si, ao destinatário e aos remetentes.

4.2.2. Cartas sobre Mistos

Quando abordamos a categoria étnico-racial em Moçambique é impossível não falar sobre os mistos, que apesar de constituírem uma parcela pequena da população, na divisa entre os dois principais grupos étnico-raciais em Moçambique, os brancos europeus e negros moçambicanos. Uma das cartas analisadas também aborda a categoria como veremos logo abaixo, neste caso se relacionando também com a temática da escolarização.

Carta 88

Ginguemos pouco senão não fica bem (carta 88), nesta carta o autor logo no inicio envia seus cumprimentos ao diretor do jornal e aos amigos "que vão gostar desta minha carta", logo em tom de questionamento inicia:

> *"[..]porque que os meninos de Luabo não querem continuar com os estudos?? Quando os meninos de Luabo foram a 3ª classe elementar se julgam grandes doutores? Se conseguirem tirar a 4ª classe, são os grandes administradores até engenheiros o pior é que não trabalham, o serviço deles é andar nos campos nas tardes a roubarem as casas da companhia ou cavar os ratos, que eles chamam mberia. E nas noites andam atrás das raparigas dos outros que estás a trabalhar por mundo a fora. Se depois de tirarem a 4ª classe, procurassem uma vaga na companhia, estava bem. Isso não querem, só querem andas nas parodias. É uma vergonha para nós que somos um pouco civilizados. Amigos não acham? (carta 88)".*

Depois relata o caso de um amigo que solicita ao pai para continuar os estudos, ao qual o pai responde,

> *"tu não podes estudar mais porque quando estudares mais será maluco (carta 88)".*

O autor em tom de espanto questiona os leitores sobre a resposta do pai, dizendo que não concorda com tal pensamento. E então escreve:

> *"O que vale no homem, não é a beleza, muito menos a cor, mas sim, a inteligência e o estados de cada um (carta 88)".*

Depois diz que um homem mesmo feio pode se casar desde que tenha estudos,

"[..] mas tenho estudo e estando trabalhando num bom lugar e a ganhar bem, é capaz de se casar com uma boa menina e de beleza extraordinária. Isso é mais que certo (carta 88)".

Ao meio da carta o autor aborda a questão dos mistos em um tom de julgamento escreve:

"Quanto aos mistos, não digo nada, são ferramentas de maquinas gastas, parecem não são pessoas completas. Eu até agora não compreendo se são pessoas que têm todos os sentidos que a gente tem (carta 88)".

"Fazem coisas que são indignas as pessoas principalmente os de Luabo. Eu acho que é por causa da burrice, nesse caso eles não têm culpa porque não sabem o que fazem. Na igreja para eles, não existem o verbo ajoelhar-se. Isso não é só com eles (carta 88)".

"Se um misto conseguir tirar a 4ª classe é um doutor dos doutores, já não existem ninguém onde ele fica. É bom s ver essas coisas (carta 88)".

Enfim o autor se despede e profere alguns conselhos aos leitores:

"Espero muitas desculpas dos meus colegas Luabenses e os meus desgraçados mistos (carta 88)".

"Ginguemos pouco, senão não fica bem, isso torna-se monótono (carta 88)".

"A gente tem que saber humilhar-se senão, seremos humilhados por um pequeno no meio de muitos, talvez no meio dos nossos superiores (carta 88)".

Nesta carta temos presente no discurso uma sobreposição das categorias já analisadas neste trabalho, como a escolarização, a associação de práticas culturais a comportamentos "selvagens" ou de caráter "pouco civilizado", a questão financeira e os casamentos e a referência aos mistos.

Os mistos apesar de um grupo privilegiado frente a população nativa, segundo Thomaz (2006, p. 259), também possuíam seu correspondente na humilhação cotidiana dispensada a eles e aos assimilados. Assim como os assimilados os mistos também possuíam o status legal de cidadãos portugueses, porém dificilmente podiam ascender na sociedade colonial, já que os cargos estatais e até nos caminhos de ferro estavam destinados aos brancos. Em sua maioria ocupavam cargos médios e intermediários.

5. Categoria relações coloniais (os intermediários)

Ao analisarmos as relações coloniais através da relação dos intermediários, aqui especificamente os régulos, presente nas cartas é necessário levar em consideração que estes indivíduos estavam colocados em outro patamar na hierarquia de poder, justamente por transitarem entre seu papel enquanto autoridade local e suas funções estabelecidas pelo regime colonial.

Em algumas cartas encontramos denúncias de abusos de poder por parte de régulos que por constituírem uma parte relevante do contexto da época foram incluídas na análise como veremos abaixo.

Carta 01

Existe nesta área dois régulos que de castanha, sem encargos, já tem aproximadamente umas 4 toneladas (carta 01), nesta carta com um tom um tanto quanto de denúncia o autor descreve um situação que considera ser um abuso de poder dos régulos de sua região:

> *"Por qual o motivo ou o direito que os régulos (alguns) cobram castanha de caju, amendoim de aos agricultores autoctonos das suas áreas, em propriedades que não lhes pertence e das quais nem arrendatários são?*
>
> *Isto significa uma exploração descarada, um roubo, a coberto do cargo de regedor que exercem.*
>
> *Como puderá ao autoctono pagar duas latas de castanha ao proprietário, (o que é justo e de direito, pois que é ele que paga as contribuições e que tem todos os encargos com a propriedade) e pagar uma ao sr. Régulo? Com que direito? Na colheita do amendoim, seja o ano bom ou mau o proprietário nada lhes exige, mas o régulo quer uma lata de amendoim. Não será isto um abuso? (carta 01)".*

Indignado com a situação e ciente do abuso do régulo o autor escreve:

> *"Existe nesta área dois régulos que de castanha, sem encargos, já tem aproximadamente umas 4 toneladas, quando os proprietárias nem meia dúzias de suas tem. Era bom que as respectivas autoridades ponham cobro a isto, pois que são coisas que não estão certa.*
>
> *Termino com os meus cumprimentos e muito breve enviarei outra carta referente a outro assunto também de alguma importância (carta 01)".*

Nesta carta que além de possuir uma grafia diferente das demais, com poucos erros de português e gramática ao que indica o contexto da carta o autor da carta se trata de um agricultor, consciente de que o comportamento do régulo de sua região se trata de um abuso de poder. Provavelmente motivado pela própria estrutura de poder

do contexto do período que aproximava régulos do poder colonial e garantia uma posição de superioridade sobre os demais.

Carta 13

A culpa é dos régulos que não conselham os seus filhos (carta 13), o autor desta carta inicia em um tom também de denúncia a principio falando sobre o hábito das pessoas de Naburi de roubar e culpa os régulos por não aconselharem seus filhos:

> *"Venho contar o habito de gente do Naburi amigos leitores gente do Naburi têm um costume muito feio que consiste de roubar as coisas dos outros gunta aos amigos Naburi porque e que não deixam nos do Gilé passeamos na vossa terra enquanto vos querem passear no Gilé? Mas eu sei que a culpa é dos régulos que não conselham os seus filhos sobretudo gente da regedoria Etaca são péssimos arrancaram no ano passado gente do Alto Molocué tabacos deles sem motivo.*

O autor passa então a denunciar a apropriação de mercadorias por régulos de Naburi, assim como abusos de poder e limitação de comércio entre as cidades:

Eles tinham licença quando iam lá depois a gente do Naburi quando viram que aqueles homens vinham vender o tabaco arrancaram. [..] Porque nos do Gilé quando pedirmos autorização para Naburi afim de irmos vendermos tabacos eles arrancam nos os nossos tabacos antes de nos apresentarmos autorização na mão do sr. Administrador do Naburi mas eles vendem peixes na nossa terra e as vezes compram o tabaco na nossa terra mas nos nunca fizemos o mal a eles agora venho dizer amigos do Naburi que assim não é bom porque vos sois os nossos vizinhos não podemos lutarmos porque é uma vergonha vocês gostam de passear no Gilé e nos também queremos passearmos no Naburi (carta 13)".

Mais uma vez o tom da carta sobre os régulos é de denúncia, também percebemos pela grafia certo grau de escolarização dos remetentes, que pelo que indica o contexto em que foi escrita aparenta ser de comerciantes da cidade de Gilé.

Carta 28

Este régulo tem centena das várias mulheres nesta terra (carta 28), a carta inicia com o autor se desculpando por seus erros, por ter pouco estudo,

> *"Primeiro peço que os leitores não riam dos meus erros, porque ainda sou atrasado, tenho só 1ª ano do liceu, quando sai da minha terra só tiver 3ª classe e quando cheguei-me cá na Beira com graças a Deus já aumentei a mais estudo (carta 28)".*

Depois continua a carta com uma denúncia do régulo de sua região que segundo o autor, apesar de ter várias mulheres em sua povoação, não gosta de ver

rapazes “bem vestido” a passear naquela região pois supostamente iriam “entrujar” as mulheres.

> *“Tens na nossa terra um régulo chamado Bala. Este régulo não gosta ver um rapaz bem vestido passear na sua povoação porque diz que estes rapazes vêm enganar ou entrujar as mulheres de lá.*
>
> *Senhor diretor este regulo tem centena das várias mulheres nesta área. Se uma pessoa da sua área querendo casar com uma rapariga é preciso antes de casar pagar ao Regulo (carta 28)”.*

Um tanto quanto em tom de indignação questiona os leitores sobre o comportamento do régulo e faz um pedido para que os régulos sejam pessoas escolarizadas para que não sintam “inveja” ao ver rapazes que saibam ler e escrever na sua região,

> *Caros leitores acham que este régulo o que anda falar é justo? Eu queria que autoridades competente pusessem de futuro régulo que saibam ler e escrever. Bem os que sabem ler e escrever muitas vezes confundam mil vezes. Porque um Regulo que sabe ler e escrever quando veem uma pessoa um pouco instruída já começam a ter inveja dela.*

Ao fim finaliza a carta a mandar desejos de saúde e cumprimentos aos seus familiares.

Nesta carta temos uma sobreposição de categorias pois o autor afirma se sentir invejado pelo régulo por possuir algum grau de escolarização, também critica o régulo por andar com várias mulheres e ainda solicita que os régulos tenham escolarização.

Aqui temos uma disputa de poder entre um escolarizado e um intermediário, se ambos no processo de hierarquização social estão mais perto do “padrão” estabelecido pelo regime colonial, existe aqui certa tensão, na percepção do autor, entre comportamentos desejáveis do régulo que deveria possuir apenas uma esposa, e a inveja do régulo em relação ao rapaz por ele possuir maior grau de instrução.

Carta 42

Ele anda sempre, todos os dias com três garrafões de vinho (carta 42), mais uma vez em tom de denúncia o autor inicia a carta dizendo que é a terceira vez que escreve para o jornal e que o que o leva a escrever novamente é sobre a “lenda” de um régulo:

"Venho cantar a lenda de um senhor que era régulo. [..] Este senhor era muito mau. Não tinha nenhum amigo seja o administrador de Posto[..]. Ele tinha hábito de comer os dinheiros de gente. Quando uma pessoa for pagar imposto, ele costuma dizer que não traz cá dinheiro vou pagar eu mas tudo isto que obrigava era vicio de ele beber (carta 42)".

Segundo o autor da carta o régulo cobrava os impostos da população e gastava em seu vicio com bebidas e apesar da história ser uma lenda o autor finaliza escrevendo que este régulo já deixou o cargo.

"[..] ele anda sempre, todos os dias com três garrafões de vinho tinto e branco, sem copo, o processo dele era só inclinar, de uma vez restaram apenas 3 litros no garrafão.

Agora recebi o aviso que já se assentou o serviço de régulo [..](carta 42)".

Nesta carta encontramos mais uma denúncia de abuso de poder por parte do régulo da região. Que supostamente utilizava de seus privilégios junto da população para consumir o dinheiro pago aos impostos.

Mais uma vez encontramos nas cartas relatos de denúncia por abuso de poder dos régulos, que demonstra que os privilégios alcançados por esta categoria, não necessariamente demonstravam que a população teria acesso, através de seu papel de intermediação, as suas demandas junto ao Estado. Pelo contrário, em alguns casos a situação se invertia e seus privilégios serviam para o abuso de poder.

6. Considerações

As relações entre Portugal e Moçambique iniciadas pela expansão e modernização do capital da Europa, mas também pela busca de Portugal a recursos que suprissem sua população, conduziram a profundas mudanças no ordenamento social. Nos anos de 1960, no que a historiografia considera o apogeu do colonialismo português, com Salazar a dirigir o regime do Estado Novo em Portugal e o acirramento das forças de controle nas colônias, despertaram sem dúvidas os ânimos dos moçambicanos. Com diversos países africanos se tornando independentes, os migrantes moçambicanos, intectuais cada vez mais informados, e a população insatisfeita foram a receita para o surgimento de forças insurgentes no país.

A modernização econômica que por um lado conduziu a esse acesso a melhores oportunidades de trabalho e ao acesso a informação, também alteraram os papéis de gênero; e por outro lado levaram a dupla subjulgação das mulheres que além de dependentes socialmente, agora se encontravam dependentes economicamente dos esposo. Com o papel da escolarização, no período de difícil acesso e rígido controle de Portugal, destinado exclusivamente para os homens, o Lobolo praticado em dinheiro se tornou uma armadilha em que meninas ainda muito jovens eram entregues a casamentos prematuros.

Assim mesmo a população nativa que conseguia se desvencilhar das lógicas de poder que os colocavam na base de uma pirâmide onde os colonizadores ocupavam o topo, para as mulheres as mudanças fundamentais daquele período representaram pouco, ou nenhum avanço na sua condição social e nas dinâmicas de poder.

Régulos e outras figuras de autoridade tradicional apesar de receberem privilégios neste período que os fazia ascender alguns degrais da hierarquia social, no fim terminavam por intermediar e legitimar o estado colonial em regiões onde as forças do próprio regime não alcançavam.

As próprias relações das populações nativas aos poucos eram permeadas por estas lógicas de poder e conforme podemos perceber nas análises, reproduziam os discursos hierarquizantes e em alguma medida reforçavam as bases em que o regime colonial civilizador se apoiava. Em contrapartida, também foi a modernização e o próprio colonialismo em si que conduziram aos fatores que serviram de suporte ao nascimento e desenvolvimento a resistência e que posteriormente resultou na independência de Moçambique.

7. Bibliografia

Granjo, Paulo. "O lobolo de meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais." Travessias. Revista de ciências sociais e humanas em língua portuguesa 4/5 (2004): 47-78.

Assis, Manuela. "Sistemas jurídicos e judiciais Os tribunais coloniais e a aplicação da justiça aos indígenas." Africana Studia 21 (2020).

Loforte, Ana. "Mulher, tradição e modernidade", em Conflito e Mestiçagem, 2000, Livraria Universitária, UEM, Maputo.

Newitt, Malyn. "O período de imperialismo europeu em Moçambique", em Revista Internacional de Estudos Africanos. Centro de Estudos Africanos - Universidade do Porto, Lisboa, 1987.

Loforte, Ana. "Tornando visiveis as lutas silenciosas: as mulheres, a guerra e a reconstrução nacional em Moçambique", em Mosaico Sociológico. Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Sociologia, 2011.

Newitt, Malyn. "História de Moçambique". Mem-Martins: Europa-América, 1997.

Hedges, David, et al. "História de Moçambique, Vol. 3, Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961." Maputo, Mozambique: Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de História (1993).

Sanches, Manuela Ribeiro. "Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais." (2011).

Schwaab, Reges Toni, and Angela Zamin. "O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso." (2014).

Gregolin, Maria do Rosário, and Roberto Baronas. "Análise do discurso: as materialidades do sentido." Análise do discurso: as materialidades do sentido. 2007. 173-173.

Mazzola, Renan Belmonte. "Michel Pêcheux – os limites de um projeto". In: O cânone visual: as belas-artes em discurso [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, pp. 69-96.

Sengulane, Hipólito. "História das instituições de poder político em Moçambique". Editora Alcance, Maputo, 2015.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2002.

Thomaz, Omar Ribeiro. "" Raça", nação e status: histórias de guerra e" relações raciais" em Moçambique." Revista USP 68 (2006): 252-268.

ARNFRED, Signe. Notas sobre gênero e modernização em Moçambique. cadernos pagu, 2015, 45: 181-224.

CAPELA, José. Moçambique pela sua história. Húmus, 2011.

MENESES, Maria Paula G. O 'indígena'africano e o colono 'europeu': a construção da diferença por processos legais. e-cadernos CES, 2010, 07.

Farré, Albert. "Assimilados, régulos, Homens Novos, moçambicanos genuínos: a persistência da exclusão em Moçambique." Anuário Antropológico II (2015): 199-229.

Meneses, Maria Paula. "Poderes, direitos e cidadania: O 'retorno'das autoridades tradicionais em Moçambique." Revista Crítica de Ciências Sociais 87 (2009): 9-42.

Bassiano, Victor, and Claúdia Araújo de Lima. "Casamentos prematuros em Moçambique: causas e consequências de abandono escolar e meninas com futuros destroçados." Imagens da Educação 8.2 (2018): e43085-e43085.

Sitoe, Célia. Casamentos prematuros em Mocuba: causa e consequência da pobreza. 2017. Disponível em: < http://www.civilinfo.org.mz/casamentos-prematuros-em-mocuba-causa-e-consequencia-da-probeza/>. Consultado em: 28 de agosto de 2020.

https://www.unicef.org/mozambique/

Passador, Luiz Henrique, and Omar Ribeiro Thomaz. "Raça, sexualidade e doença em Moçambique." Revista Estudos Feministas 14.1 (2006): 263-286.

Zamparoni, Valdemir D. "Gênero e trabalho doméstico numa sociedade colonial: Lourenço Marques, Moçambique, c. 1900-1940." Afro-Ásia 23 (1999): 145-172.

Granjo, P. (2004). O lobolo de meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais. Travessias. Revista de ciências sociais e humanas em língua portuguesa, (4/5), 47-78.

Fundo das Nações Unidas para a Infância e Fundo das Nações Unidas para a População (2016). Comunicado de imprensa da UNICEF e UNFPA contra os casamentos prematuros. Nova Iorque, 8 de Março de 2016. Recuperado em 16 julho, 2017, em https://www.wlsa.org.mz/comunicado-de-imprensa-da-unicef-e-unfpa-contra-os-casamentos-prematuros/

Granjo, P. (2003). A mina desceu à cidade: Memória histórica e a mais recente indústria moçambicana. Etnográfica, 7(2), 403-429.

Cabral, Amílcar. “Libertação nacional e cultura”, (1970, p. 355-375). Em: Sanches, Manuela (ed.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais, Lugar da História, Lisboa, 2011.

Mondlane, Eduardo. “A estrutura social – mitos e factos”, (1995, p. 309-332). Em: Sanches, Manuela (ed.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais, Lugar da História, Lisboa, 2011.

Mondlane, Eduardo. “Resistência – A procura de um movimento nacional”, (1995, p. 333-354). Em: Sanches, Manuela (ed.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais, Lugar da História, Lisboa, 2011.

Arnfred, Signe. "Descolonizando o feminismo em Moçambique.", 2012, Estudos Feministas, Florianópolis

Arnfred, Signe. Notas sobre gênero e modernização em Moçambique. *cadernos pagu*, 2015, 45: 181-224.

Bassiano, Victor, and Claúdia Araújo de Lima. "Casamentos prematuros em Moçambique: causas e consequências de abandono escolar e meninas com futuros destroçados." *Imagens da Educação* 8.2 (2018): e43085-e43085.

Cabral, Amílcar. “Libertação nacional e cultura”, (1970, p. 355-375). Em: Sanches, Manuela (ed.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais, Lugar da História, Lisboa, 2011.

Capela, José. *Moçambique pela sua história*. Húmus, 2011.

Farré, Albert. "Assimilados, régulos, Homens Novos, moçambicanos genuínos: a persistência da exclusão em Moçambique." *Anuário Antropológico* II (2015): 199-229.

Florêncio, Fernando. "Ao encontro dos Mambos: Autoridades tradicionais vaNdau e Estado em Moçambique." ICS, 2005.

Fundo das Nações Unidas para a Infância e Fundo das Nações Unidas para a População

Granjo, P. (2003). A mina desceu à cidade: Memória histórica e a mais recente indústria moçambicana. *Etnográfica*, *7*(2), 403-429.

Granjo, P. (2004). O lobolo de meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais. Travessias. Revista de ciências sociais e humanas em língua portuguesa, (4/5), 47-78.

Gregolin, Maria do Rosário, and Roberto Baronas. "Análise do discurso: as materialidades do sentido." Análise do discurso: as materialidades do sentido. 2007. 173-173.

Hedges, David, et al. "História de Moçambique, Vol. 3, Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961." Maputo, Mozambique: Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de História (1993).

https://www.unicef.org/mozambique/

Loforte, Ana. "Mulher, tradição e modernidade", em Conflito e Mestiçagem, 2000, Livraria Universitária, UEM, Maputo.

Loforte, Ana. "Tornando visiveis as lutas silenciosas: as mulheres, a guerra e a reconstrução nacional em Moçambique", em Mosaico Sociológico. Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Sociologia, 2011.

Mazzola, Renan Belmonte. "Michel Pêcheux – os limites de um projeto". In: O cânone visual: as belas-artes em discurso [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, pp. 69-96.

Meneses, Maria Paula G. O 'indígena'africano e o colono 'europeu': a construção da diferença por processos legais. *e-cadernos CES*, 2010, 07.

Meneses, Maria Paula. "Mulheres insubmissas? Mudanças e conflitos no norte de Moçambique." *Ex aequo* 17 (2008): 71-87.

Meneses, Maria Paula. "Poderes, direitos e cidadania: O 'retorno'das autoridades tradicionais em Moçambique." *Revista Crítica de Ciências Sociais* 87 (2009): 9-42.

Mondlane, Eduardo. "A estrutura social – mitos e factos", (1995, p. 309-332). Em: Sanches, Manuela (ed.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais, Lugar da História, Lisboa, 2011.

Mondlane, Eduardo. "Resistência – A procura de um movimento nacional", (1995, p. 333-354). Em: Sanches, Manuela (ed.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais, Lugar da História, Lisboa, 2011.

Newitt, Malyn. "História de Moçambique". Mem-Martins: Europa-América, 1997.

Newitt, Malyn. "O período de imperialismo europeu em Moçambique", em Revista Internacional de Estudos Africanos. Centro de Estudos Africanos - Universidade do Porto, Lisboa, 1987.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2002.

Passador, Luiz Henrique, and Omar Ribeiro Thomaz. "Raça, sexualidade e doença em Moçambique." *Revista Estudos Feministas* 14.1 (2006): 263-286.

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1960." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1960).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1961." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1963).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1962." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1963).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1964." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1965).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1965." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1965).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1966." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1967).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1967." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1968).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1968." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1968).

Província, de Moçambique. "Anuário Estatístico: 1969." Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique (1971).

Sanches, Manuela Ribeiro. "Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais." (2011).

Schwaab, Reges Toni, and Angela Zamin. "O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso." (2014).

Sengulane, Hipólito. “História das instituições de poder político em Moçambique”. Editora Alcance, Maputo, 2015.

Sitoe, Célia. Casamentos prematuros em Mocuba: causa e consequência da pobreza. 2017. Disponível em: < http://www.civilinfo.org.mz/casamentos-prematuros-em-mocuba-causa-e-consequencia-da-probeza/>. Consultado em: 28 de agosto de 2020.

Thomaz, Omar Ribeiro. "" Raça", nação e status: histórias de guerra e" relações raciais" em Moçambique." *Revista USP* 68 (2006): 252-268.

UNICEF; UNFPA. Comunicado de imprensa da UNICEF e UNFPA contra os casamentos prematuros. Nova Iorque, 8 de Março de 2016. Recuperado em 16 julho, 2017, em https://www.wlsa.org.mz/comunicado-de-imprensa-da-unicef-e-unfpa-contra-os-casamentos-prematuros/

Universidade Eduardo Mondlene (UEM). “Agressão imperialista, 1886-1930”. 1931, Maputo, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.

Zamparoni, Valdemir D. "Gênero e trabalho doméstico numa sociedade colonial: Lourenço Marques, Moçambique, c. 1900-1940." *Afro-Ásia* 23 (1999): 145-172.

8. Anexos

Cartas ao Voz Africana

Carta 22

“Senhor diretor,

É a primeira vez que estou escrever e seguinte: Eu moro na Muahara, perto da minha casa há o homem que tem uma filha bonita chamada Aninha. Uma vez quando vê de serviço era 11 horas, quando passei perto de casa deste homem; ouvi a filha me cumprimentar, eu respondi, fui para minha casa, durei na minha casa 3 minutos apareceu menina. Quando chegou disse-lhe que foi mandada com pai que vais ao menino Frederico emprestar 20,00. Com vergonha eu tirei dei e foi embora. No dia seguinte veio outra vez, pediu-me outra 30,00, dei.

Alí eu perguntei a menina que: menina quando pagarás essa conta? Ela respondeu-me pagarei, foi embora. Depois passou 2 meses eu chamei a menina para cobrar a minha conta, ela v veio, quando chegou eu perguntei, esqueceu a nossa importância? Ela responde que espera vou perguntar o pai se tem ou não, foi a perguntar o pai.

O pai disse que vais tu a ter com o rapaz porque eu não tenho dinheiro para pagar. Quando a filha veio perto de mim começou a contar as palavras do pai para mim, quando eu ouvi fiquei com muita vergonha logo mandei a menina embora e dizia a ela para não pagar mais o meu dinheiro. Assim mesmo eu acho que as meninas estão abandonar cabaças não são culpadas, culpados os pais.

Outra coisa que faz me aborrecer é na nossa aldeia da Salone, (palavra ilegível) se pode encontrar o velho com 70 ou 80 anos de idade, só pode encontrar as velhas com 80 anos, isso não acabo de compreender. Eu acho que são as mulheres que estão a matarem os marido para ficar a gozar com avida que vai matar o filho no futuro. Outra coisa que é pior é assim: os homens da aldeia de Salone, quando tiver o filho com 14 anos logo manda a namorar uma menina que já é donzela, para no próximo ano a casar, mais assim é boa vida? O homem pode fazer matrimônio com 15 anos só? Além disso quando casar já não quer mais a trabalhar, a mulher (palavra ilegível) a manta.

Quando perguntar falam que a minha vida corre muito mal, porque há uma feticeira que anda a feticear na minha casa. Por falta de saber o ignorante sem trabalhar a vida veio sozinho? Ajuda, pouco e pouco no futuro ganhará."

Carta 62

"Senhor diretor,

Tenho andado pelas redondezas da Vila da Maxixe, notei uns defeitos impossíveis de os combater entre eles avultam os seguintes: Querer a ilusão, estupidez e as desconfianças sem base.

Primeiro vou falar do querer: - querer é ser capaz de tomar uma solução motivada de mantê-la, defende-la e executa-la. Porque querer viver é adaptar-se á vontade, é um espirito de pensar e escolher boas ideias para si próprio não pela vontade do povo; porque cada vontade tempera a natureza tão total e possível á vontade dos homens.

Segundo a ilusão: que no mundo existem umas certas reações incapazes de as desfazer, devido a uma desligação duma senda do progresso de amor entre duas pessoas, que desde há muito tempo tinham sido gravado o amor a uma menina, que nas suas intenções guardam para futuramente se casarem. Mas aparece um sujeito pretendente da mesma menina, pedir a mão da entrada sem consultar primeiro ao que a rapariga tinha aguardado escondidamente para se amarrar o passo com ele. Não se esqueçam queridos pais de que o luxo apresentado por ela é o de particular. E, por isso tem razão de gostar do primeiro do que último.

Conclusão: o primeiro amor é infinito.

Terceiro a estupidez: gente estúpida basta arranjar dois mil e quinhentos escudos (2.500) procura uma menina com o fim de se casar com ela para formar talvez um lar infeliz. Queridos digo por efeitos de ofensa, mas sim de vos recordar, no que desejam fazer antes de arranjar complicações amargurantes na sua vida. Porque modernamente se pensar em casar escolhe primeiro a noiva em seguida faz galanteios com ela pelo menos seis meses para procurar analisar o juízo dela e bem como ela também o de seu rapaz.

O jovem pretendente não deve apresentar um amor cego confiando somente no seu dinheiro e deve portanto apresentar um amor brilhante, porque o cego e dos costumes dos nossos passados pais; e assim, os pais, vendo o dinheiro perguntam a pretendida se ama deste ou não, e, se caso a tal detestar do rapaz nisto então os pais esforçam a filha dizendo: que deve-nos respeitar porque somos os seus superiores se ela rejeitar do rapaz é certo que tem um dos seus gostos que prometeu com ele para um certo fim.

Esta não é uma coisa que possa admirar o Senhor Diretor é que muitas vezes acontece quase em todo o mundo.

Aconselhamos aos nossos pais que não é de arma em punho ou cavalo-marinho na mão que conquistamos o amor senão pela livre vontade, porque o amor é um obstáculo que vence todos os outros que existem.

Encomendamos aos jovens pretendentes de uma noiva, que antes de alugar uma casa indaga primeiro, que os vizinhos tem.

Finalmente o jovem sente-se ofendido por ver o seu dinheiro a ser gozado por outros, que foram primeiros a falar particularmente com a rapariga. E vos aconselho todos que não peguem o jugo para fazer amar a filha ao novo genro senão amanha chora por vós.

Os pais do jovem não tem direito de velar por sua futura nora a não ser que os irmãos ou a família vigiem nela. CONCLUSÃO: coisas feitas um por dois não duradoiras.

Quarto: desconfiança sem base: quem ama primeiro não desconfie do seu apresentar porque deve se fazer primeiro: a caça, segundo concretizar aquilo que o povo diz e terceiro aplicar o grau de culpa conforme os efeitos e acções por ele cometidas.

CONCLUSÃO: a desconfiança é arma de inimizade.

Junto da minha prezada remeto ao senhor diretos os meus cumprimentos e agradecimentos de sua vontade de publicar esta carta sem alterações de umas palavras no nosso jornal Voz Africana naquela parte que ESCREVEM OS LEITORES.

Maxixe, 12 de Dezembro de 1964".

Carta 67

"Senhor diretor,

A primeira coisa apresento os meus cumprimentos a todos os leitores. É a primeira vez que escreve para o jornal voz africana desculpe-me ocupar linha deste afamado jornal por informar o seguinte cá em Pebane, eu estou cá em Pebane a 4 anos a trabalhar mais vez muita mulher, bonitas com pernas finas, eu tomou uma menina chamada Amina Antonio Macuva, que me chegou desgraçar a minha vida toda depois de estragar dinheiro a gaja mandou-me na rua, disse já acabou teu dinheiro todos não te quero mais, depois dentro de 4 meses quando ela já sabia já arranjou mais dinheiro, veio pedir-me desculpa vela se pode me dar 20,00 para comprar de cumer eu não tenho nada de cumer, como eu era grande prato deu-lhe o dinheiro em seguinte dia voltou comesei-me adentar também, olha meu marido eu gostava-te continuar as nossa vida, eu fui enganada, eu respondi-lhe assim agora já sabe que ele já tem mais dinheiro não é?

È para me entregar desgrassa como desgrassei-me a primeira vez? Eu nunca vi uma mulher com 8 homens eu fui infomar a palavra a pé do pai e da mãe dela, porque ela mandou-me na rua parece cão. O pais a mãe ficou então triste, com a sua filha, então no mesmo tempo ela começou a tratar a vida de vadia, primeiro marido Joanito Taibo segundo Morais terceiro Bradi Luis Cavalo quarto Daniel, quinto Suziane sesto Daniel sétimo Bernardo oitavo Malface isto tudo fui marido duma menina vira.

Eu tenho grande receio que aquele é ordem do pai e da mãe porque a rapariga não tem casa quando chego um rapaz a mãe e o pai sai na casa para a filha fazer este porcaria mais isto é a hordem do pai e da mãe.

Se o pai não gostaste não podia deixar a filha fazer este porcaria dentro da casa dela mais isto é grande vergonha, para superior da casa.

Meus caros queridos amigos tomas cautela com as mulher daqui Gebane, sempre gosto dos dinheiro.

Informar os leitores agradeço esta minha grande erros desta carta muito obrigado meu caro estimado leitores toma muita cautela com mulheres de gabane são muito esperto desgraça pessoa deixa se nada termina aqui esta minha carta agradeça incomodar o senhor diretor autento obrigado sobre escrevo sem outro assunto só nada mais terminam os meus cumprimento os senhor leitores.

Brado Luis Cavalo".

Carta 74

"Senhor Director,

Apresento em primeiro lugar os meus respeitosos cumprimento e pedindo desculpas de não serem reparados os meus erros porque ainda sou apenas um simples estudante. É uma tristeza ao verem os meninos da minha terra pedirem aos seus pais o dinheiro para fazer passagem de comboio para a Beira. O menino simples, é verdade senhor diretor deixar a escola ca na terra, irem a Beira? Os meninos da minha terra está fugir da escola para irem procurar os empregos, não sei senhor diretor estas fugir de fome. Por que os outros estão dormir um dia inteiro sem comer, outros comerem batatas doce e assim eles estão fugir. Na minha terra, só eu um rapaz que estuda escola mas eles e os seus pais estão me fazer muita inveja querem me também matar. Por causa que estou estudar tenho apenas 4ª classe. E vez de me matar e assim estás feitiçar minha mãe até hoje encontra-a doente e faz um mês. A maneira que eles tem é para matar aquela minha querida mãe. Para que eu não estude mas. Porque é ela que me compra tudo livros, vestuários, sapatos, chapéu, etc. E assim eles ao verem isso tudo, estão a fazer muita inveja até os seus filhos estão me ficar muito tristemente. Peço-me o grande favor senhor diretor que mande publicar esta minha carta de jornal Voz Africana. Muitos pais daqui não tem amor aos seus filhos, porque há uns que entregam para casamentos suas filhas de 5 a 6 anos e isto é uma vergonha para o publicar porque um menino para poder começar com os estudos é preciso que complete os 6 anos, como é que uma criança pode casar com 5 a 6 anos de idade se ainda não tem conhecimento do valor do casamento? Uma vez em minha povoação de Lousa em (palavra ilegível) fiquei zangado com uma mulher por ela me pedir para tomar em casamento a filha dela. E eu disse-lhe que não queria porque ainda não tinha idade, e ela logo por ouvir isso tirou palavra que fora de meu gosto e como eu já estava aborrecido dei um bofetão. Peço a V. Ex. senhor diretor que publique esta carta do jornal Voz Africana.

Eu por pensar isso estou muito insatisfeito porque assim numa povoação inteira frequentar só um rapaz na escola é muito impossível. Eles quando irem ao serviço, ao regressar não trouxe nem dinheiro, nem roupa para ele mesmo. Quando chegar em casa principia a mentir aos pais que novas as roupas foram roubadas no dia em que eu queria voltar. Como os seus pais são brutos e tolos respondem. Já gostou de varimba[5] quando ouvirem uma para voz de varimba começam escutar e correm logo para acolá. V. Ex. senhor diretor que não faz esquecer publicar este jornal, é a primeira vez hoje mandar publicar esta voz africana seja que não tenho caligrafia V. Ex.cia para sempre publicar. Outra coisa senhor diretor, a minha terra ao (palavra ilegível) há muito distância para percorrer com a pé. Peço favor os padres da missão Chemba que mande construir uma escola primária visto que os rapazes da minha terra não tinham ido a escola porque a distancia é muito. Antigamente havia escola em Luço onde eu principei a 1ª parte e sai com 2ª classe e até ai fiz 3ª a 4ª classe e hoje encontro-me em Chemba.

E até se Deus quiser farei 1ª ano do liceu. Não demora os meus senhores e padres de missão de chemba para construir uma escola na povoação de Sousa em Gagulu, há muitos rapazes que querem frequentar quando estará feita. E eles dizem que nós queremos estudar quando a escola terá feita. Para terminar envio muitos sinceros e cumprimentos para todos os meus colegar, professores, padres e amigos. Encontro-me aqui na ilha de Moçambique na missão de

[5] Provavel referencia a Valimba, instrumento musical com teclas de madeira.

Santa Terezinha do menino Jesus Chemba frequentar o estudo de 4ª classe o meu professor é João da Cruz, antigo professor é Tomé João Rodrigues".

Carta 83

"Senhor diretor,

É pela segunda vez que escrevo para a Voz Africana pedindo a V. Ex. que mande publicar esta minha carta na pagina escrevem os leitores.

O assunto que eu falo é o seguinte eu falo assim de que essa noiva que está aqui na minha fotografia é a minha própria namorada que eu espero de me casar e aqui em Vila de Manica mas essa menina tem 15 anos de idade e é natural de Quelimane e só apenas essa a minha menina apenas não tem pai e mãe somente está com os tios um dia chegou aqui em Vila Manica para visitar da minha pessoa e encontrou esse homem chamado Zeferino e começou abraçar minha namorada e dizer que vocês quelimanistas não pensam são burros comem cobras quase quelimanistas com pessoas ele como que sabe se ele nunca chegou em minha terra e eu sei porque que ele anda a (palavra ilegível) é por causa que eu neguei de casar com a filha dele e mesmo assim ainda eu não idade e essa filha do Zeferino tem 20 anos e eu tenho 17 anos e ele não tem vergonha quando esta falar.

E a minha menina tem 16 anos e é residente na Manga na missão de São benedito".

Carta 08

"Sr. Director

Por ser a minha primeira que escrevo para o jornal Voz Africana (trecho ilegível) venho pedir o sr. Diretor para publicar essa carta os meus queridos amigos eu tive uma mulher de nome Dauliza mas houve 2 homens que (palavra ilegível) entregar. São de nome 1ª Antonio servente do liardo ser melo, 2ª e o alfaiate da firma Antonio Durão, sr. Diretor ondem que encontrou uma rapariga casada com 2 homens? Essa é mulher verdadeira não é uma puta sabida? Também esses homens não são cães mal educados culpados são os pais que educaram bem esses cães porque ele não podia fazer coisa igual se fosse civilizado.

Também a puta da mulher não podia de fazer me (palavra ilegível) com minha mulher da minha própria terra de nome Elideia Antonio Pacoxo. Estou muito aborrecido com isso por ser casada com 2 homens. Mas foram esses bandidos e cães que fizeram (palavra ilegível) a rapariga na casa se fosse ela. Ela não podia (palavra ilegível) sr. Diretor, o que posso fazer com esse maluco mas no meu coração tenho muita coisas a fazer com ela, mas peço o sr. Diretor que me de um conselho eles nem sabe escrever: A, i também não são da minha classe são da classe dos machileiro. Porque no povo há muitas raparigas solteiras se minha era bonita ou feia era para mi não era para outros quem escolha a sua mulher feia deve aguentar porque foi o seu escolho.

Eu também gastei muita coisa fora ela e por isso que estou aborrecido, se eu soubesse não mandava embora minha mulher, mas o Deus é grande o mundo é largo ganharei no futuro eu faço (trecho ilegível) os meus cumprimentos para os meu querido irmãos. Bom dia Deus este com eles.

Sr. Dr. Em primeira vez que escrevo neste jornal de Voz africana, na seção de escreve leitores. Peço me desculpas pelos meus erros porque sou rapaz de pouco estudo.

É que me levou escrever e o seguinte:

Sr. Dr. Por caridade creio que Deus nosso senhor livre em deste sofrimento que eu tenho; digne mandar publicar aos meus amigos que estão ao longe de mim, no lugar de Mopeia distrito de Zambezia.

Estou cá com muito sofrimento por falta de vestuário, tenho cá na Beira 3 anos e não tenho nenhuma as coisas, nem sapatilha de lona que eu tenho, ando descalço por falta de 30,00 compras por menos sapatilha que custa mais barato.

Visto que ando desgraçado parece não sou rapaz que não trabalha.

A minha vida sempre corrida mal, sobre das mulheres, a mal quando eu recebo logo dei maçaltada para espangara precuro das mulheres. No dia seguinte cheguei na espangar havia uma rapariga, rapariga que gostava da minha pessoa, esta rapariga chamada Madalena Tomás, terra de boa gente Inhambane.

Esta rapariga gostava muito de mim, eu também gostaria nela. Até fazer amante comigo, esta gaja tinha o marido que trabalha no caminho de ferro como contina. Um dia estivemos os dois de nós eu e minha amante, apareceu este sujeito, quando nele chegou não esperava nada pergunta-la, deu purada a rapariga o caso. Assim a rapariga conseguiu desistir a casa que ela morava, mas isso não é nada a única coisa que estou pensar para ir na terra a pena não tenho nenhuma coisa sabes dessas mulheres de terra de boa gente, Inhambane.

Até agora sinto muita vergonha com meus colegas que estão na minha terra, de mesma idade já casaram, ainda eu continuo no mesmo solteiro, além disso não tenho vestuário nem uma moeda que eu tenho sobre das putas. Fizeram me muita partida para em pouca sorte que eu tenho. Termino com as minhas forças.

Grato pela atenção".

Carta 32

"Senhor Director

Estou satisfeito pela publicação deste glorioso jornal Voz Africana, onde posso notas os meus contos e ao mesmo tempo cumprimentar o senhor diretor. Solicitando minha carta na seção escrevem os leitores.

Uma vez quando estive em casa fui passear junto os meus colegas, encontramos umas meninas a conversar com seus rapazes conversas escandalosas que nós não esperávamos a carta v. ex.cia e rogar a v. ex. cia da voz africana dizer que publique minha carta eu tenho o meu amigo estimando A. S. ele quando me ver parece como irmão R.S.M.O. ele gosta de me, eu termino com os todos leitor".

Carta 47

"Senhor diretor,

Hoje continuo escrever uma carta para o nosso afamado jornal Voz Africana, o caso que me levou é o seguinte.

Venho responder a carta do meu amigo de nome Antonio Lopes Mutemue natural de Murrupula e residente em Nampula.

Amigo Antonio Lopes Mutemue, eu pergunto uma coisa, mas você amigo tens vergonha? Você já viu os seus amigos o Abrósia Mimame e Faustino Acapate e mais os seus amigos que andava brincar com Bonifácio e depois o Bonifácio defendeu-vos e ficaram tão bem vergonhado e jurou que nunca mais meter de Nametil e nunca mais pôr a lapiceira no papel. E você hoje continua nos aborrecer, mas você julgas nós não conhecemos que você é de Murrupula.

Bem eu já sei gente de Murrupula também tem mania vejam lá senhor diretor eles não quero espalhares só quero ficar todos juntos, todos os murrupulenses encontra-se quase tudo na fábrica de arros de JFS, todos que se encontra la é de Murrupula, e ribauê porque Ribaue com Murrupula fizeram um (palavra ilegível) de Ribauê por isso que eles não quero ficar separados mais que me enbira muito é as mulheres deles gostam rachar na garra e pintar com uma tinta que nunca mais saia, agora estou perguntar o senhor superior os maiores desta gente de Murrupula que está aqui Nampula, qual melhor é melhor rachar na gassa ou é melhor deixar assim? Mas por ventura além de essa converça de deima vocês não troca vergonha com suas mulheres na garra tão bem caiada?

As mulher de Nampula era para ficar mais pouco civiliçado mas que fos estragar é beber e vadiar, se uma pessoa ver uma mulher de Nampula tão bem jeitosa então bem sabendo que é de nametil ou é de Mussuril mas também Mahara é que mais mais telas são roubalhona elas não gosta popre não quero uma pessoa ser serviço.

Bronto os ouvimos amigos falar as suas mulheres não tornar rachar na garra é uma vergonha para nós e para português agora todos somos português é favor mandar as suas mulher terminar está fazer piorar estranhar na sua terra. Cumprimentos os queridos leitores".

Carta 95

"As mulheres da raça negra nos querem que outra mulher tenha uma coisa que ela nós tem em casa dela por exemplo ela sai para parte qualquer vê coisas que ela não tem em casa começa a sofrer e crescer maus pensamentos.

Esta minha messiva pode servir de resposta ao sr. Luis Ferreira Uache Massingue de 30 anos natural de Massinga – Inhambane e residente no distritro de Manica e Sofala em caso da sua carta publicado no jornal com a seguinte data: 07-11-1964.

Ela deu uma passeada para Matacuane e voltou de lá depois de um dia e nós quer fazer nada em de lá depois de um dia e nós quer fazer nada em casa!? Isto é penoso mas paciência e escuto o Senhor não podia publicar que deu passea e voltou de lá depois de um dia porque assim é boatar a vida da sua mulher. Não sou casado mas vejo que isto é vergonhoso. Amigo tenha paciência e pergunta o que tem e o que ela veja na sua vida.

Dizem que em Matacuane há muitas mulheres da conta própria na (palavra ilegível) ela foi lá ver como aquelas vivem e gostou daquela forma de estar por isso ela voltou para levar a roupa dela.

Cresceu no coração dela o pensamento de exercer aquele oficio. Amigo urgentemente mande-a para a sua terra natal ou para casa dos pais delas para chamarem atenção (trecho ilegível). Ela pensa que estar de conta vale mais que estar casada. Como ela resolveu isso não há remédio a loucura passou. Dizem que o amor quando começa é uma beleza e ao fim tristeza mas ninguém

vive sem amor. Leitores desta carta não acham que se as mulheres pagassem imposto da forma dita a separação haveria mas em menor número?

Foi perca de tempo na leitura desta carta por isso peço perdão a todos. Saudosos cumprimentos deixo para o miúdo Niquece e para todos os leitores e para o Senhor Director com mais agradecimento pela publicação desta carta. Desculpem".

Carta 97

"Senhor diretor,

Silenciosamente venho rogar a V. Ex.ª sr. Director do afamado jornal {Voz Africana} a sua alteza em mandar publicar na secção {Escrevem os Leitores} esta minha sincera carta. Não sou assinante mas sim um cândido leitor de todas as semanas. Procurei saber sem perguntar mas não fui capaz e por aqui deixo algumas perguntas. Por que há nestes dias bastantes divórcios? E as senhoras que ocupam lugares onde nós os desempregados podíamos empregar pagam impostos? E o homem desempregado não paga também? Isto nós merecia. Nos tempos dos nossos atempassados os abandonos não eram assim, a separação de casamento era só pela metade de um deles mas nestes dias o jovem gasta a massa em casar só para 5 anos e outros não chegam ai. Ora se a autoridade protestasse com uma junta de mulheres da conta os divórcios também chamavam pois que há certas que abandona do esposo para esta também de conta própria como muitos falam. Elas aceitam casar para tirar curso e ter a carta é um auxilio para outros e a outros perca, mas elas também merecem um imposto duplicado o de homens. Digo eu que se as mulheres da conta pagassem impostos não haveria muitos abandonos, doutro lado um simplório como eu casa com uma menina que trabalhava e recebia melhor e esse melhor era só para comprar vestuário etc... etc... e o miserável de mim ganha pouco não tem 100,00 para dispesa mensal de alimentação 300,00 para ela comprar vestuário, quando ela pensa dos tempos recuados fala sozinha o seguinte: Nos tempos em que eu trabalhava não me faltava nada, casei para miséria deixa-me afastar deste esposo, dois ou três dias a pensar na mesma coisa o resultados é doloroso ao casado. Segundo o genisis 2 – 18 fala Deus disse: não é bom que o homem esteja só; for-lhe-ei uma adjutora que esteja diante dele e o mesmo 2-21 vemos que a mulher foi feita por uma das costelas do primeiro homem. Eu penso que a costela do homem que fez a mulher estava pouco fraco por isso as mulheres pensam muito pouco. Logo que casa precisa ter tudo em ordem nós precisa de sofrer o que estão na (palavra ilegível) sofreram nos princípios que é caminho para todos".

Carta 04

"Exmo. Senhor,

É a primeira vez que escrevo para V. Exa. Pedindo o favor de mandar publicar esta minha pequena carta na coluna escrevem os leitores.

Vim de licença para cá no Posto Campo, terra da minha naturalidade a fim de visitar minha família.

Como de costume dois dias depois, fui para o Posto apresentar-me e por visto os meus documentos da Beira.

Apresentei no Posto, onde encontrei um funcionário africano provavelmente o chamado actualmente 3º escriturário de nome Pedro Machado, este não se limitou a receber os

documentos e fazer visar ao próprio administrador do Posto, começou a exigir-me muitas coisas, fazendo-se passar pos administrador do Posto, fazendo-se de gente grande. Será que o funcionário africano colocado no Posto Campo chamado 3º escriturário é superior aos demais? Só por facto de ser ele o único no Posto Campo? Ou é porque o colocado no Posto é adjunto do Administrador do Posto. Se o é, por amor de Deus que tenham um pouco de respeito aos que não sabem ler nem escrever, não lhe dizendo como é seu hábito, arrastam ai para fora, cheiram mal, isto não. Não são frases para serem ditos por uma pessoa como V. Exa. De alta posição social como se julga, e quer se fazer passar. Quem é bem educado e respeitador, não olha para quem fala ou se dirige, como nunca se pode ensinar a uma criança duas maneiras de comer, uma para uso interno outra para uso externo. Não me move qualquer espírito de dilatação nem estou a insinuar ao referido funcionário mais por amor de Deus o que se passa no Campo com o 3º escriturário nada agrada.

Para terminar peço desculpas a todos os leitores".

Carta 27

"Agradenço me muito V. Ex.a Senhor diretor dos Voz Africanos de me autorizar mandar os Voz Africanos.

A minha repuclicação principalmente para os velhos e os solteiros e para aqueles que não são baptisado.

O melhor para os pais é mandar os seus filhos na escola porque eu já tenho a certeza de estudo; quando uma pessoa não andar na escola ele haverá a vida dele aparece como do animal! Porque o animal não sabe lavar as roupas e nem toma o banho e por o menos de vergonha sobre de andar sujo ele me vergonha por isso. Uma pessoa que andou na escola já sabe tudo o que dá o bem e o mal. Tudo isto o que eu conto já ai e eu também as vezes já fez também o engano de este.

Eu fui na escola enquanto já era a tarde em quando eu já estive estudar ai logo que a boa vida para o homem é o estudo.

Como eu tinha a boa professora e era uma irmã muito estudiosa e esperta ensinou me e até tirar a 4ª classe e eu nunca esquecerei a irmã Leopoldina porque ela deu me a vida. Esta irmã é de Missão de Nossa Senhora do Rosário de Jécua.

Para os solteiros quando ver que já sou de idade é bom procurar uma noiva cristã e casar de boa maneira se agente fazer assim já temos força para os nossos pais ser cristões.

Para modar uma pessoa que não é cristão não custa nada. Basta quando estar com a panciência e a fé uma pessoa pode ser cristão. A minha mãe e a minha irmã não eram cristãos mas com a minha força elas já são; cristãos profição. E o dinheiro que eu ganhar, mas uma pessoa que ganha ao menos não podem noivar?

E este o homem que fala assim não tem o gero da mesmo aldeia. Tudo os geros dele são de longe. E ainda eu desde 1960 e até 1964 comessei noivar a filha dele em 1960 e a rapariga disse, que tenho o amor mas não é para casar consigo. Porque as minhas irmãs não casaram com rapaz que é natural de Muncinga.

Os compradores dos jornais fazem o favor de mandar a resposta aquém que querem.

Fim"

Carta 43

"Senhor diretor,

É pela quarta vez que tomo a liberdade de escrever uma carta pedindo a V. Exª se digne mandar publicar na secção escrevem os leitores.

Antes de tudo mando o meus respeitoso cumprimentos a todos os meus colegas do Grupo Benfica de Nacala-Porto. Eles são os seguintes: JABRO, JOÃO PARATA, FERNANDO, FERREIRINHA, VALENTIM, PASSARINHO, ABRE, CANTIFULA, CÉSAR, ESSIACA, LOURENÇO, FÉLIX e ERNESTO PEDRO RITEIA do Centro de Instrução de condução Auto de Nampula.

O que me levou a escrever esta carta é o seguinte: É por falta dos meus estudos que não me adiantam nada. Eu quando era pequeno os meus pais mandavam ir para a escola, e eu em vez de ir a escola fugia sempre para a pesca afim de ir pescar uns peixes de nome Encalala, Sololo, e Sáfi. É que quando me cresci vi me de ser obrigado de ir pedir o serviço no Navio Zambézia de lá quando cheguei disseram-me que não podia trabalhar sem habilitações literárias de 4ª classe. Como sou o melhor jogador mandaram-me para ir jogar em Lisboa e não consegui ir por falta de habilitações da 4ª classe. Um belo dia fui pedir para noivar uma menina a que tinha habilitações do 1º ano dos liceus, os pais da menina não me facilitaram do meu pedido afim de eu noivar com a menina por falta da 4ª classe. Os meus leitores acabei de ficar sem ela e que não tinha a esperança de perder a menina, mas isto tudo é por falta da 4ª classe. A qui na vida militar em que estou agora os meus colegas que tenham a 4ª classe recebem um bom vencimento e eu por falta da 4ª classe recebo pouco dinheiro.

Meus colegas leitores recomendo-vos que esforcem com os estudos porque sem estudos nada se adianta fica como se fosse um arvore que se encontra no meio do mato. Agora encontro-me muita arrasca ver se consigo fazer a 4ª classe. Por já a 3ª classe tenho só falta-me a 4ª classe. Peço-vos meus leitores que queixem com essa nossa falta de estudos. Senhor directo peço-lhe que me perdoe com os meus erros porque sou um sujeito de poucos estudos.

Ao terminar envio os meus respeitosos cumprimentos para todos os leitores".

Carta 54

"Senhor diretor,

Muito agradeço a V. Ex.ª que publique esta minha carta na secção "Escrevem os Leitores" do nosso afamado jornal "Voz Africana".

Roubo-vos o vosso tempo muito os outros amigos que tem feito como eu hoje faço a primeira experiência a quem puder o que me interesso pela sua explicação.

Sou apenas do poucos estudos meus amigos perdoem dos meus erros só na minha mão tenho o diploma de 4 ª classe estalou no dia 27 de dezembro de 1965. Amigos todos deste querido jornal peço muito favor que me resposdam as minhas perguntas. O que quer dizer amigo? Que é o valor do estudo? Para quem que choramos de saber escrever e ler? Quais são os membros da civilização? E o que é o amor?

Oiçam eu tenho dois homens na minha terra, quais amigos vizinhos e outro encontrava-se a uns 17 km da minha casa e para hoje encontrasse a cumprir a vida militar de nome Domingos Chefane Cacheca, Inhamunge Madango e os primeiros dois denominam-se Eduardo Carlito

Chalupa Digone e pradrinho Antonio Neves Domingos. O que aborreci contarei na próxima carta. Sabem muito bem que esta vida não da muito tempo pois aqui me enfim e os meus cumprimentos do vosso inferior, eu convosco rezamos a Deus que os nossos estados continuem muito melhor".

Carta 88

"Senhor diretor,

Antes de tudo digne-se a V. Ecia. Receber os meus cumprimentos e aos amigos que vão gostar desta minha carta e agradeço pela publicação desto meu artigo.

É pela primeira vez que me me nas linhas em que escrevem os leitores desta querida "Voz Africana".

Meus amigos de Luabo, vamos conversar um pouco.

Vamos a uma pergunta, porque que os meninos de Luabo não querem continuar com os estudos?? Quando os meninos de Luabo foram a 3ª classe elementar se julgam grandes doutores?

Se conseguirem tirar a 4ª classe, são os grandes administradores até engenheiros o pior é que não trabalham, o serviço deles é andar nos campos nas tardes a roubarem as casas da companhia ou cavar os ratos, que eles chamam mberia.

E nas noites andam atrás das raparigas dos outros que estás a trabalhar por mundo a fora. Se depois de tirarem a 4ª classe, procurassem uma vaga na companhia, estava bem. Isso não querem, só querem andas nas parodias.

É uma vergonha para nós que somos um pouco civilizados. Amigos não acham??

Conheci um tipo que fez a 4ª classe e pediu ao pai para que ele continuasse com os estudos. O pai deu essa resposta tu não podes estudar mais porque quando estudares mais será maluco.

Esse é um conselho que um pai deve dar? Esse não é um escândalo? Os meus colegas acham que isso está bem? Eu por mim acho que isso não está bem! Portanto quem tem a crapussa fora é melhor a enviar.

Agora estamos no século 20, não estamos no século 19. Vejam lá isso, meus irmãos. O que vale no homem, não é a beleza, muito menos a cor, mas sim, a inteligência e o estados de cada um. Um tipo pode ser feio, mas feio no sentido verdadeiro, até na décima quinta potência, mas tenho estudo e estando trabalhando num bom lugar e a ganhar bem, é capaz de se casar com uma boa menina e de beleza extraordinária. Isso é mais que certo.

Quanto aos mistos, não digo nada, são ferramentas de maquinas gastas, parecem não são pessoas completas. Eu até agora não compreendo se são pessoas que têm todos os sentidos que a gente tem.

Fazem coisas que são indignas as pessoas principalmente os de Luabo. Eu acho que é por causa da burrice, nesse caso eles não têm culpa porque não sabem o que fazem. Na igreja para eles, não existem o verbo ajoelhar-se. Isso não é só com eles.

Se um misto conseguir tirar a 4ª classe é um doutor dos doutores, já não existem ninguém onde ele fica. É bom s ver essas coisas.

Quanto mais a gente é burro, mais se julga grande gente. Nós somos ao contrária daquilo que pensamos.

Espero muitas desculpas dos meus colegas Luabenses e os meus desgraçados mistos.

Ginguemos pouco, senão não fica bem, isso torna-se monótono.

A gente tem que saber humilhar-se senão, seremos humilhados por um pequeno no meio de muitos, talvez no meio dos nossos superiores.

Quem quer ser respeitados, respeito aos outros. É bom".

Carta 31

"Ex. mo Senhor diretor

Os meus fetuosos cumprimentos.

Senhor diretor,

É a minha primeira vez que escrevo no afamado jornal voz africana. Seguinte os leitores. Senhor diretor venho humildemente pedir a V.Ex.cia de publicar esta minha carta no afamado jornal, de a V.Ex.cia.

É o seguinte que me levou a escrever a que Mibauge há muitas genet que não sabe respeitar sendo eles um pouco civilizado.

Isto foi seguinte cá Milauge estamos 4 (palavra eligível) e o nosso Chefe da Brigada que nos manda quando cá recebemos charruas, o nosso chefe levou-me até no chefe do grupo chamado Magassauja para assinar os seus gados a trabalhar com charrua confiado que fosse boa pessoa quando eu lá fiquei tratava-me de um escravo dele e comia-me com os criado dormia junto os cabritos.

Senhor diretor assim é justo? Enquanto dava-lhe ao (palavra ilegível) mas cheguei de pacientor durante uma semana sofrendo.

Outra coisa peço o favor de a V.Ex.cia o Senhor Directo de publicar no jornal Voz Africa que nós militares trabalhamos muito, ganhamos pouco por está voz pedimos ao Senhor Governador que nos aumentasse o nosso vencimento.

Desculpa o tempo perdido a ler a está carta.

Muitos cumprimentos o Senhor Director e os leitores envio muitos cumprimentos aos meus colegas muitos agrícolas".

Carta 55

"Senhor diretor,

É pela primeira vez que tomo a liberdade de dirigir uma carta para nosso afamado jornal "Voz Africana" o caso que me levou a escrever é o seguinte:

Estou agradecer o governo de Ribauê. Eu não lembrava que aquela gente hão de levantarem para saberem capinar e vestir. Neste momento perderam 2 rapazes o Manuel dos Santos Alimane, e Domingos Manuel naturais de Ribauê. Eles estarão a procurar os troncos de mandioca; eles procuravam para verem se podem encontrar em troncos seco de mandioca. O

que eles alimentarão na terra era caranguejo macúa. Neste momento eles não sabiam o que é sal. Eles costumavam de queimar caniços de cajoeira e fazia sal. Eles republicaram-me conforme que eu estive rir neles, conforme que estudaram e chegaram cá em Nampula, viste vem e calçam bem. E eu estive a perguntar que vocês lembram o que faziam naquele momento que vocês perderam por causa de comer? E depois eles envergonharam-se a mandar a carta, para me republicar. Numa vez convidei eles para irmos almoçar na minha casa conforme que nós lá não costumamos, comemos muito, a minha mãe tirou a massa de mandioca e começamos a comer com eles.

E conforme que costumei comer pouco e deixei aquela massa ficaram os dois. O Domingos Manuel tirou a massa duas vezes o Manuel sem tirar, e o Manuel ficou zangado e apanhou uma pedra e tirou para Domingos e partiu olho. E depois eu tirei aquela massa para dentro e peguei neles mandei embora onde que eles hospederam. Senhor diretor agora pergunto qual é a razão que eles mandem republicar a me. Quem podia publicar era eu porque eles perderam para minha terra. Mando muitos cumprimentos ao meu querido amigo Antonio Diado que se encontra em Nampula junto com os caros leitores deste querido jornal Voz Africana".

Carta 01

"Ex. Senhor Director do Jornal a Voz Africana

Agradecendo antecipadamente a publicação das minhas cartas anteriores e como o prometido é devido, cá estou escrevendo novamente sobre outro assunto também de grande interesse.

Vou fazer uma pergunta que gostaria que tivesse resposta.

Por qual o motivo ou o direito que os régulos (alguns) cobram castanha de caju, amendoim de aos agricultores autoctonos das suas áreas, em propriedades que não lhes pertence e das quais nem arrendatários são?

Isto significa uma exploração descarada, um roubo, a coberto do cargo de regedor que exercem.

Como puderá ao autoctono pagar duas latas de castanha ao proprietário, (o que é justo e de direito, pois que é ele que paga as contribuições e que tem todos os encargos com a propriedade) e pagar uma ao sr. Régulo? Com que direito? Na colheita do amendoim, seja o ano bom ou mau o proprietário nada lhes exige, mas o régulo quer uma lata de amendoim. Não será isto um abuso?

Existe nesta área dois régulos que de castanha, sem encargos, já tem aproximadamente umas 4 toneladas, quando os proprietárias nem meia dúzias de suas tem. Era bom que as respectivas autoridades ponham cobro a isto, pois que são coisas que não estão certa.

Termino com os meus cumprimentos e muito breve enviarei outra carta referente a outro assunto também de alguma importância".

Carta 13

"Senhor Director,

Ao iniciar a descrição desta minha carta eu primeiro lugar peço as máximas desculpa pelo tempo perdido na leitura mas com direito. Julgo de o fazer.

Mas sim não é por falta do respeito relembrei de subscrever nesse caso. Assim V. Ex.podendo publicar esta minha pobre carta. Por a interesse que eu autorizou para ocupar este jornal da Voz Africana é o seguinte. Venho contar o habito de gente do Naburi amigos leitores gente do Naburi têm um costume muito feio que consiste de roubar as coisas dos outros gunta aos amigos Naburi porque e que não deixam nos do Gilé passeamos na vossa terra enquanto vos querem passear no Gilé? Mas eu sei que a culpa é dos régulos que não conselham os seus filhos sobretudo gente da regedoria Etaca são péssimos arrancaram no ano passado gente do Alto Molocué tabacos deles sem motivo.

Eles tinham licença quando iam lá depois a gente do Naburi quando viram que aqueles homens vinham vender o tabaco arrancaram.

Antes de chegarem os homens no posto de Naburi. Termino com muitos cumprimentos para os amigos leitores junto com os senhores do Naburi que gostam muito de roubar. Embora que eu não Deus que vê todo o mal do mundo e o bem mas eu tenho a certeza de que gente do Naburi têm mau habido. Porque nos do Gilé quando pedirmos autorização para Naburi afim de irmos vendermos tabacos eles arrancam nos os nossos tabacos antes de nos apresentarmos autorização na mão do sr. Administrador do Naburi mas eles vendem peixes na nossa terra e as vezes compram o tabaco na nossa terra mas nos nunca fizemos o mal a eles agora venho dizer amigos do Naburi que assim não é bom porque vos sois os nossos vizinhos não podemos lutarmos porque é uma vergonha vocês gostam de passear no Gilé e nos também queremos passearmos no Naburi".

Carta 28

"Senhor diretor,

É pela primeira vez que escrevo no nosso afamado jornal Voz Africana. Apresento como meus cinceiros cumprimentos aos diretor e a todos os leitores o que me levou a escrever esta carta é o seguinte.

Primeiro peço que os leitores não riam dos meus erros, porque ainda sou atrasado, tenho só 1ª ano do liceu, quando sai da minha terra só tiver 3ª classe e quando cheguei-me cá na Beira com graças a Deus já aumentei a mais estudo agora trabalho e recebo a importância de esc. 2.900,00 mençal e o que vou conta nesta carta é do nosso régulo. Tens na nossa terra um régulo chamado Bala. Este régulo não gosta ver um rapaz bem vestido passear na sua povoação porque diz que estes rapazes vêm enganar ou entrujar as mulheres de lá.

Senhor diretor este regulo tem centena das várias mulheres nesta área. Se uma pessoa da sua área querendo casar com uma rapariga é preciso antes de casar pagar ao Regulo.

Senhor diretor achas que é justo nisso? Isto é um erro muito grave senhor diretor. O Cruz deixou-me esta a minha alma pecadura que Deus condenará Senhor Director. Caros leitores acham que este régulo o que anda falar é justo? Eu queria que autoridades competente pusessem de futuro régulo que saibam ler e escrever. Bem os que sabem ler e escrever muitas vezes confundam mil vezes. Porque um Regulo que sabe ler e escrever quando veem uma pessoa um pouco instruída já começam a ter inveja dela. Mas se toda a agente conhece e repete esta verdade há muitos que não praticamente assim a imprevidência é a causa de muitas desgraças necessárias são a saúde que faltam principalmente nas casas mais humildes. Além disso, o bulício o ruído as ambições insatisfeitas tudo contribuir para dominar a saúde das minhas famílias.

Porque não há melhor riqueza do que a saúde enquanto de necessidade de desejo de saber das minhas pobres famílias.

Ora José Ribeiro Maia e Candido Caetano Molode e Lidia Molode e Bicrina Molode e Badliza Molode junto os meus cunhados Antonio Carlos Viola e Alfredo Santana. Se estam de levar saúde e saudades. Por mim vá tudo bom felizmente graças A Deus.

Por oque termino esta minha carta e desejo que mande os meus cinceiros cumprimentos e abraço forte de todos os leitores".

Carta 42

"Senhor diretor,

É a terceira vez que eu escrevo esta minha carta para a nosso afamado jornal Voz Africana. O casa mais impor ante que me recordei é o seguinte. Venho cantar a lenda de um senhor que era régulo. Circunscrição de Nhamamono, nome dele é Daniel Chachaca. Este senhor era muito mau. Não tinha nenhum amigo seja o administrador de Posto, e seja qualquer outra pessoa. Ele tinha hábito de comer os dinheiros de gente. Quando uma pessoa for pagar imposto, ele costuma dizer que não traz cá dinheiro vou pagar eu mas tudo isto que obrigava era vicio de ele beber.

Então a ver, queridos os leitores, ele anda sempre, todos os dias com três garrafões de vinho tinto e branco, sem copo, o processo dele era só inclinar, de uma vez restaram apenas 3 litros no garrafão.

Agora recebi o aviso que já se assentou o serviço de régulo, amados amigos de Nhamamono ficai-vos cautelosos com esse ser.

É muito mau, ele é só amigos do bêbados mas que seja vinho, mas tem hábito muito mau.

Para terminar mando muito cumprimentos o meu tio Augusto Marizani e os meus irmãos que está estudar na escola de Chimpanda os nomes deles são Sebastião Ajudante Perciamo Ajudante e os meus sobrinhos.

Zinho Razão Luis Razão".